

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PROGRAMA DE MESTRADO EM HISTÓRIA

FREDERICO DE OLIVEIRA ROSENTHAL

**UM OLHAR SOBRE O SERTÃO BRASILEIRO:
JOHANN EMANUEL POHL, A SUA DESCRIÇÃO DA CAPITANIA DE
GOIÁS E A SUA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO**

GOIÂNIA

2010

FREDERICO DE OLIVEIRA ROSENTHAL

**UM OLHAR SOBRE O SERTÃO BRASILEIRO:
JOHANN EMANUEL POHL, A SUA DESCRIÇÃO DA CAPITANIA DE
GOIÁS E A SUA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO**

Dissertação apresentada ao programa de mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História, na área de concentração em História, Cultura e Poder.

Orientação: Dr. Eduardo José Reinato.

GOIÂNIA

2010

R813j Rosenthal, Frederico de Oliveira
Um olhar sobre o Sertão Brasileiro: Johann Emanuel Pohl,
a sua descrição da capitania de Goiás e a sua construção do
imaginário. [manuscrito]/ Frederico de Oliveira Rosenthal...-- 2010.
89 f.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto
Sensu em História, Goiânia, 2010
Inclui referências f.87-88

1. Pohl, Johann Emanuel, 1782-1834. 2. Civilização
- História - Cidade de Goiás(GO). 3. Planejamento
urbano - Século XIX - Cidade de Goiás(GO). 4. História
- Goiás (Estado). I. Reinato, Eduardo José. II. Pontifícia
Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 930.85(043)



**PUC
GOIÁS**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Av. Universitária, 1069 ● Setor Universitário
Caixa Postal 86 ● CEP 74605-010
Goiânia ● Goiás ● Brasil
Fone: (62) 3946.1070 ● Fax: (62) 3946.1070
www.pucgoias.edu.br ● prope@pucgoias.edu.br

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM HISTÓRIA DEFENDIDA EM
25 DE FEVEREIRO DE 2010 E Aprovado PELA BANCA
EXAMINADORA.


1) Dr. Eduardo José Reinato / (Presidente) PUC-GO



2) Dra. Heloisa Selma Fernandes Capel / (Membro) UFG



3) Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / (Membro) PUC-GO



À minha família.

Agradeço a todos os meus professores do curso de mestrado, em especial ao Doutor Eduardo Reinato e à Doutora Heloisa Capel que muito me incentivaram.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as descrições feitas nos diários dos viajantes naturalistas que estiveram em Goiás durante a primeira metade do século XIX. Entender de que forma os núcleos urbanos da região foram representados por eles em seus principais aspectos, como as paradas para o restabelecimento das expedições, a economia urbana, as relações de trabalho e a criminalidade. Compreender de que forma a população urbana de Goiás foi descrita nesses diários e o que motivou esses naturalistas a descreverem os meios urbanos, já que a principal motivação para a vinda deles para a região foi a busca pelo conhecimento das riquezas naturais do Brasil. Como fontes, foram utilizados os diários dos principais naturalistas que estiveram em Goiás no início do século XIX como Johan Emanuel Pohl, Auguste de Saint-Hilaire e George Gardner, sem dispensar a contribuição do diário de Luiz D'Alencourt. A partir dessas fontes e do diálogo com outros autores, no trabalho, discute-se de maneira crítica a forma como as cidades do sertão brasileiro e, principalmente, do interior de Goiás, foram por eles representadas. O maior destaque foi dado à obra de Pohl, "Viagem no Interior do Brasil", por tratar de forma mais abrangente a questão urbana em Goiás. A análise dessa obra permitiu observar que sua proximidade com a população do sertão foi responsável pela construção de relatos diferenciados, mas todos esses diários poderão constituir fontes de pesquisas para a história da cultura em Goiás.

Palavras-Chave: Descrições, Naturalistas, Goiás, Representações, Cidades.

ABSTRACT

This study aims to analyze the descriptions written in the diaries of the naturalist travelers who have been in Goiás during the first half of the nineteenth century. Understanding the way the urban cores of the region were represented by them in their main aspects such as the stops to resupply the expeditions, urban economics, labor relations and crime. Comprehending how the urban population of Goiás was described in these diaries, and what motivated these naturalists to describe the urban areas, since the quest for knowledge of the natural riches of Brazil was the main reason that brought these scientists to this region. As sources, they used the diaries of the leading naturalists such as Johan Emanuel Pohl, Auguste de Saint-Hilaire and George Gardner who were in Goiás at the beginning of the nineteenth century, without letting the contribution from the diary of Luiz D'Alencourt aside. Starting from these sources and the talkings with other authors, this study discusses in a critical way how the cities of the Brazilian backlands and, especially the ones in the interior of Goiás, were depicted by these naturalists. "Journey to the interior of Brazil" by Pohl was the most remarkable work because it treats the urban issue in Goiás more comprehensively. The analysis of Pohl's work made it possible to notice that his nearness to the backcountry population was responsible for the development of distinctive reports and that all these diaries will make up sources of research for the history of culture in Goiás.

Key-words: Description, Naturalists, Goiás, Depiction, Cities.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A CIDADE E OS NATURALISTAS.....	20
1.1 A cidade como pouso	24
1.2 Economia e comércio nas cidades de Goiás sob a visão dos naturalistas europeus ..	29
1.3 Trabalho e criminalidade nas cidades de Goiás a partir da visão dos naturalistas...	36
2 POHL E A IDEIA SANITÁRIA.....	48
2.1 Descrições de Johan Emmanuel Pohl sobre a questão sanitária do sertão Brasileiro ..	50
2.2 Descrições sobre a cidade do Rio de Janeiro	51
2.3 Viagem do Rio de Janeiro até Goiás.....	53
2.4 Pohl chega à capitania de Goiás.....	56
2.5 Descrições sobre a Capital.....	58
2.6 As descrições sobre o norte da capitania.....	62
2.7 A ideia sanitária a partir dos relatos de Saint-Hilaire e Gardner.....	65
3 DESCRIÇÕES CULTURAIS DE GOIÁS NOS DIÁRIOS DE VIAGEM DO INÍCIO DO SÉCULO XIX	71
3.1 O Olhar dos Naturalistas – A Influência da Relação com a População Local	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
FONTES BIBLIOGRÁFICAS.....	86
BIBLIOGRAFIA	87

INTRODUÇÃO

Na História das Ciências ocidentais, os séculos XVIII e XIX são marcados pelo grande número de viagens científicas, patrocinadas por diversos países europeus, com a finalidade de reconhecimento territorial, humano, zoológico, botânico e mineral. Os objetos coletados durante as viagens e enviados aos Museus de História Natural eram organizados e classificados de acordo com os métodos vigentes, como os de Linneu e Buffon. A constituição da História Natural como uma ciência comparativa e classificatória requeria a quebra de barreiras geográficas existentes no campo, o que levou os naturalistas da época ao planejamento de viagens científicas de modo a coletar material e propiciar aos museus que se tornassem os principais abrigos de espécies naturais de todo o mundo (DROUIN, 1996).

As expedições produziram variada documentação relacionada às viagens, que engloba diários, memórias, relatórios, desenhos, mapas e coleções de história natural. Estas fontes documentais são representações sobre a natureza brasileira dos séculos XVIII e XIX, podendo ser estudadas por historiadores interessados nos diversos ramos científicos abordados nas viagens, como Arquitetura, Química, Zoologia, Botânica, Mineralogia, Antropologia e Geografia. Formam, portanto, uma bibliografia bastante rica em descrições e informações além de configurarem uma vasta literatura produzida por viajantes de modo geral.

A partir do século XX, estas obras se transformaram em objeto de desejo de estudiosos de várias áreas como História, Economia, Sociologia e Antropologia, mas, até a década de setenta, eram analisadas sem maiores críticas por parte dos estudiosos que se propunham a utilizá-las (MOREIRA LEITE, 1997). A partir dessa década, a busca pela análise crítica sobre os diários dos viajantes europeus passou a ser muito praticada pela historiografia brasileira, o que aumentou as possibilidades em relação ao trabalho com essa documentação, abrindo caminho para uma infinidade de perguntas e respostas.

A proposta desse trabalho *a priori* é estabelecer uma análise crítica em relação às obras dos principais viajantes naturalistas que estiveram em Goiás durante a primeira metade do século XIX: Auguste de Saint-Hilaire, George Gardner e principalmente Johann Emanuel Pohl. Essa documentação não foi selecionada de maneira aleatória, a escolha desses autores deu-se devido à riqueza de relatos

deixados sobre a região de Goiás, além da importância deles para construção da identidade dessa região.

Durante todo século, XX vários historiadores que escreveram sobre a História de Goiás buscaram como base para suas pesquisas os diários desses viajantes, e, em muitos trabalhos, aquilo que foi narrado acabou sendo estudado sem maiores análises críticas contribuindo para construção de uma visão negativa sobre a região do estado durante o século XIX. A ideia de pobreza, decadência econômica pós mineração, marasmo, regressão cultural e isolamento presente nos relatos dos naturalistas foi repassada aos leitores em muitos trabalhos historiográficos fortalecendo a imagem negativa do interior do Brasil. Portanto, esse trabalho busca fazer uma releitura dos diários dos naturalistas europeus que estiveram em Goiás durante o início do século XIX, na tentativa de propor um outro ponto de vista em relação ao que foi narrado, começando pelas implicações do verbo fundamental: ver, quem vê? Como vê? O que Vê? Essas perguntas estarão frequentemente presentes nesta dissertação.

Devido à riqueza de informações presentes nos diários dos viajantes citados anteriormente, fez-se um recorte em relação ao que vai ser analisado e à cidade, foco principal desse trabalho. Foram levados em consideração os relatos feitos pelos naturalistas em relação aos núcleos urbanos do interior do Brasil, principalmente os que estavam situados na capitania de Goiás. Os principais aspectos desses núcleos urbanos que estiverem presente nas narrativas de Pohl, Saint-Hilaire e Gardner serão investigados criteriosamente e analisados de maneira crítica. Levaremos em consideração todos os núcleos urbanos encontrados por esses viajantes no período em que eles estiveram em Goiás, não nos importando a extensão dessa documentação. Partindo do pressuposto de que todos eles eram de extrema importância para o local, por menor que fossem, neste trabalho, todos serão considerados localidades urbanas, mesmo sabendo que, a partir da concepção atual de urbanidade, essas pequenas localidades urbanas de Goiás, em sua maioria, não seriam consideradas como cidades.

Cada capítulo desse trabalho aborda um aspecto das cidades, com base na visão dos naturalistas que passaram por Goiás durante o início do século XIX, mas isso não impedirá o estabelecimento de um diálogo com outro importante viajante europeu que no mesmo período percorreu o território goiano: o militar e comerciante

português Luiz D' Aliancourt. Esse viajante também produziu um importante diário que será utilizado como fonte documental de apoio para composição deste trabalho.

Uma considerável parte das representações escritas sobre a história do Brasil do século XIX foram produzidas por viajantes estrangeiros, que tiveram uma admirável capacidade de transmitir aos seus conterrâneos, através de seus relatos, as experiências vividas em terras tão inóspitas do sertão brasileiro. Esses viajantes abriam mão dos melhores anos de suas vidas em nome de suas expedições científicas e do acúmulo de experiência que lhes renderia bons motivos para se escrever. Para eles não bastava estar em uma vasta biblioteca com livros dos maiores botânicos de sua época, pois havia muita diferença entre ler e poder viver aquilo que estava escrito. Eles sabiam que o valor científico de seus trabalhos seria bem maior se o conhecimento fosse adquirido em loco, e que, ao escreverem seus diários seriam respeitados não apenas como cientistas, mas também, como escritores viajantes. O status adquirido pela literatura de viagem no século XIX no mercado editorial europeu era enorme, por serem consideradas produtos da vivência direta, que revelavam sempre descobertas recentes trazendo à tona o novo (LEITE, 1996).

Os primeiros relatos de viajantes produzidos sobre o Brasil datam do período da expansão marítima e comercial. Não foram muitos, pois, a preocupação dos colonizadores era muito mais a exploração das riquezas naturais do que a realização de pesquisas científicas. O caráter predatório dos primeiros séculos de colonização dispensou esse tipo de investimento. Nesse período, devido ao sistema de monopólio estabelecido por Portugal, o Brasil esteve fechado aos olhares estrangeiros, mas, mesmo assim, vários navegadores portugueses, espanhóis e franceses escreveram relatos sobre as riquezas naturais e a vida do nativo, construindo uma narrativa colonizadora e etnocêntrica (LEITE, 1996).

No final do século XVIII, o governo português, entusiasmado com a descoberta de várias jazidas de ouro no interior do Brasil, começou a patrocinar expedições científicas com o objetivo de conhecer melhor as riquezas do sertão brasileiro. Até 1808, somente estudiosos portugueses poderiam trafegar pelo interior do Brasil, mas a partir da vinda da família real e a abertura dos portos, ocorridos no mesmo ano, o governo português passou a permitir o acesso de cientistas de várias nações. Essas expedições, das quais as mais importantes foram a missão francesa e a missão austríaca, recebiam o patrocínio do governo de seus países de origem, mas eram totalmente incentivadas pelo governo de Portugal.

Os interesses das nações estrangeiras que patrocinavam esse tipo de viagem eram nitidamente imperialistas: buscava-se uma expansão de mercados, portanto, fazia-se necessário conhecer as riquezas de uma região tão promissora como o Brasil. A proposta dessas missões estrangeiras era entender o Brasil, interpretá-lo, e repassar todo esse conhecimento para o resto do mundo em língua europeia.

Essa curiosidade sobre o país não era, evidentemente, desinteressada. O sucesso de tais empreendimentos dependia do investimento de grande quantidade de capitais e muitos esforços por parte dos pesquisadores. Quando não, dependia da publicação da obra e do interesse que ela iria despertar nos países de origem (LEITE, 1996, p. 40).

É interessante notar que diversas expedições provocavam um grande impacto nos leitores estrangeiros, o que levava muitos a abandonarem tudo em seus países e virem em busca das riquezas do Brasil. Saint-Hilaire, quando estava na fronteira de Minas com Goiás, descreveu a existência de um francês que viera para o Brasil em busca do enriquecimento rápido, influenciado por livros de viajantes, fato que deixou o naturalista bastante intrigado, como se vê em seu relato:

Tinha nascido - segundo creio - em Rodez e ali exercia a profissão de açougueiro, mas a derrocada do governo imperial levava-o a meter-se em maus negócios. Nessa época o livro de viagem do inglês Mawe caio-lhe nas mãos, e a partir de então ele não pensou em outra coisa a não ser diamantes e riquezas. Convencido que faria fortuna no Brasil contrabandeando diamantes, ele parte para Marselha e de lá para Lisboa. Mas era o Rio de Janeiro o seu objetivo. Procura o cônsul da França em Lisboa, tentando despertar o seu interesse e rogando-lhe que indique meios para chegar até o Brasil. O cônsul o encaminha para um oficial português que iria embarcar para o Rio em um navio de guerra. O oficial precisava de um criado e contratara o francês, prometendo-lhe em pagamento apenas a passagem. Era a única coisa que o homem desejava. Ninguém - disse-me ele - jamais foi tão bem servido quanto esse oficial. Ele procurava adivinhar seus mínimos desejos, antecipar seus menores pedidos. O navio chega sem contratempos ao Brasil. O oficial, sensibilizado pelas atenções de seu criado, disse-lhe então que, embora lhe tivesse prometido apenas a passagem, teria o prazer em fazer alguma coisa por ele. O francês responde que, segundo ouviu falar, há muito dinheiro a ganhar e se sentiria muito grato se ele pudesse arranjar uma carta-régia para essa província (SAINTE-HILAIRE, 1975, p. 144).

Na passagem acima, percebe-se o interesse do desejo pelo enriquecimento rápido e como os diários dos viajantes podem influenciar na decisão de embarcar para o outro lado do Atlântico. Em uma situação inusitada o naturalista escritor se depara com o possível fruto de sua obra: influenciar pessoas a deixarem suas casas em busca das riquezas em uma terra tão promissora.

Sem dúvida que as viagens científicas que percorreram o Brasil durante o início do século XIX influenciaram muitos estrangeiros a percorrer o sertão brasileiro, mas esse não era o objetivo maior dessas expedições, pois na verdade elas faziam parte das “exigências impostas pela expansão do capitalismo” (LEITE, 1996, p. 40). Houve sempre o interesse em revelar as riquezas do interior do Brasil, mas não se pode analisar essas expedições científicas apenas por esse ponto de vista, pois outros fatores também motivavam esse tipo de viagem, como o desenvolvimento científico europeu que impulsionava a busca por novas descobertas, a curiosidade pelo exótico e o romantismo científico dos viajantes.

Segundo Boaventura Leite (1996):

As pesquisas produzidas sobre o Brasil indicam interesses e relações demarcadas em três momentos históricos distintos. O primeiro período foi marcado pela influência portuguesa (do século XV ao XVIII); o segundo período foi marcado pela influência europeia, sobretudo a Inglaterra (século XIX), e o terceiro pela norte americana (século XX) (LEITE, 1996, p.10).

Em cada período, a produção da literatura de viagem sobre o Brasil adquiriu um caráter diferente tanto em relação ao comprometimento dos governos de cada país, quanto em relação à influência das academias científicas sobre cada trabalho. Durante o primeiro período, prevaleceu o exclusivismo de Portugal sobre as viagens para o interior do Brasil. Eram grandes as restrições para que estrangeiros pudessem viajar por essas regiões. Portanto, ocorreu um número reduzido de expedições e as que foram feitas receberam a influência científica direta das academias portuguesas.

Devido a essa prática exclusivista, o governo português expulsou das terras brasileiras no final do século XVIII o célebre cientista alemão Alexander Von Humbold cuja expedição foi considerada suspeita de espionagem (HOLANDA, 1976). Esse cientista nunca teve a oportunidade de conhecer efetivamente o Brasil, mas as suas ideias acabaram influenciando vários estudiosos que comandaram expedições por terras brasileiras durante o século XIX (MOREIRA LEITE, 1997).

Do século XVI ao século XVIII, o Brasil se encontrava como um território desconhecido, sendo assim não havia o interesse de Portugal em patrocinar esse tipo de expedição. As obras escritas por portugueses sobre o Brasil durante esse período foram produzidas por colonizadores, missionários religiosos ou invasores estrangeiros e tinham o objetivo de orientar a empresa colonizadora sobre as riquezas minerais e a melhor maneira de dominar os povos nativos. Somente no final do século XVIII,

Portugal, influenciado pelas descobertas minerais no interior do Brasil, passou, tardiamente, a incentivar esse tipo de expedição (LEITE, 1996). Portanto, até o século XVIII, o Brasil permaneceu fechado para as expedições científicas, e pouco se conhecia na Europa sobre essa região. Devemos levar em consideração que durante esse período era proibido qualquer tipo de imprensa em terras brasileiras, até mesmo o intercâmbio de ideias através do comércio de livros era censurado, dessa forma princípios liberais não chegavam ao Brasil e essa região permanecia escondida aos olhares estrangeiros.

O século XIX foi uma época bastante conturbada no contexto histórico europeu: Napoleão Bonaparte, ao se transformar em imperador da França, impôs aos países da Europa o “Bloqueio Continental”, proibindo-os de fazer comércio com a Grã-Bretanha, o que mudou radicalmente a situação de isolamento em que a colônia brasileira se encontrava. Portugal foi ocupado militarmente pelas tropas francesas por ter se negado a fazer parte de tal bloqueio, o que obrigou a família real portuguesa a se transferir imediatamente para o Brasil por tempo indeterminado. Devido a esse fato, a sede do governo português foi transferida para o Brasil em 1808, e imediatamente foi promovida a abertura dos portos brasileiros para as nações amigas de Portugal¹. Com isso inicia-se no Brasil um processo de ruptura com as antigas bases do sistema colonial (NOVAIS, 1977).

A estrutura mercantilista se deteriorava a partir do final do século XVIII e o liberalismo passava a reger as relações econômicas internacionais. Dessa forma, as nações industrializadas passavam a controlar economicamente as antigas colônias americanas (COSTA, 1977). Devido a esse contexto, o Brasil passou a viver uma abertura não só comercial como também política, o que permitiu a vinda de várias expedições científicas estrangeiras para a colônia, mas nesse momento a participação de Portugal será reduzida em relação aos outros países europeus. “O Brasil se abriu ao contato com outros países que vivenciaram a revolução industrial, realçando o seu atraso e defasagem” (LEITE, 1996, p. 48).

A partir dessa abertura, o Brasil passou a atrair bem mais os olhares europeus e então, não só as belezas naturais eram relatadas nos diários dos viajantes, havia também uma preocupação em se descrever a falta de progresso em relação à Europa. Os índios, a beleza da fauna e da flora não foi esquecida, mas passou a prevalecer o

¹ Esse fato ocorreu com total apoio do governo inglês, o que ajudou a fortalecer ainda mais os laços políticos e comerciais entre Portugal e Inglaterra.

olhar crítico sobre o que era visto pelos viajantes que sempre enxergavam uma região grandiosa em suas riquezas e potencialidades, mas com pouco desenvolvimento em relação ao território Europeu. Tudo isso era motivo de grande frustração para os viajantes naturalistas que percorreram o interior do Brasil no início do século XIX.

Mas, por outro lado, era justamente essa condição de região pouco desenvolvida do ponto de vista dos viajantes estrangeiros que tanto atraía a atenção dos europeus, pois eles percebiam que muito tinha para se fazer no Brasil e, as expedições que o percorreram, passaram a enxergar justamente as áreas de conhecimento que estivessem mais ligadas às potencialidades de exploração. Foi promovida uma verdadeira redescoberta do Brasil.

A abertura dos portos brasileiros ao exterior, sem dúvida, pode ser apontada como um marco para os estudos sobre o Brasil. Não apenas porque só a partir daí o governo português implantou uma estrutura educacional capaz de formar profissionais, com também porque permitiu e procurou promover pesquisas e estudos sobre o Brasil. A partir de 1809, os interesses internos e externos convergiram para as pesquisas, como forma de conhecer as potencialidades do país, com o intuito de poder melhor explorá-lo. D. João precisou de técnicos, cartógrafos, geólogos, mineralogistas, botânicos, zoólogos, etnólogos, enfim, pessoas com formação especializada que lhes fornecesse conhecimentos e pudessem, através de seus estudos compor os argumentos científicos necessários e capazes de, ao nível de exigência dos europeus e na língua das principais potências, revelar a importância do país. Por outro lado, para aqueles países, o Brasil despertava de um sono de séculos de obscurantismo, tendo se tornado em um rico manancial a ser desvendado (LEITE, 1996, p. 50).

Portugal revia seus conceitos em relação ao isolacionismo do Brasil e a antiga colônia, que permaneceu desde o século XVI até o século XIX fechada, se abria aos olhares estrangeiros e, como podemos perceber no trecho anterior, com o incentivo do governo português. O Rio de Janeiro foi a região mais visitada pelos viajantes europeus, principalmente porque era a porta de entrada em direção à região das minas, no entanto, as estradas que conduziam até esse local eram péssimas o que gerava um desconforto muito grande aos viajantes e refletia diretamente no conteúdo dos relatos. Devemos levar em consideração que, durante os séculos em que o Brasil permaneceu fechado, o governo português proibiu a construção de estradas para a região das minas com o objetivo de dificultar o contrabando. Além disso, foram construídos vários postos de fiscalização em todo o percurso das poucas estradas existentes, que sempre eram utilizados como local para o pouso das expedições científicas (DIAS, 1972).

A curiosidade dos viajantes em relação à região das minas era bastante nítida, mesmo sabendo que essa região já não era tão rica quanto em outras épocas, eles sabiam que ainda havia muito a se explorar. Ainda que o objetivo da expedição fosse estabelecer um estudo sobre a fauna e a flora, muitos cientistas faziam questão de passar por essa região.

É nesse contexto que se deu as expedições de Pohl, mineralogista, médico e naturalista. Esse viajante chegou ao Brasil em 1817 em virtude do casamento de Dom Pedro de Alcântara com a arquiduquesa Dona Leopoldina da Áustria. O casamento propiciou a vinda de um grupo de cientistas austríacos patrocinados pelo governo da Áustria com o objetivo de estudar o Brasil, local de morada da futura imperatriz. A essa comitiva de estudiosos foi dado o nome de Missão Austríaca. Além de pesquisarem as riquezas e as potencialidades exploráveis da região, os estudiosos componentes dessa missão tinham o objetivo de fazer um levantamento sobre os costumes e a cultura do Brasil para que os povos germânicos pudessem conhecer melhor o local onde a D^a. Leopoldina iria morar, afinal, um casamento como esse significava um acordo diplomático entre duas nações e aproximaria Portugal e o Brasil do reino austríaco (PINTO, 1976). Essa proximidade ultrapassaria ao campo da diplomacia e da política, chegando ao da economia e da ciência. Assim, seria necessário que a comunidade alemã conhecesse melhor o Brasil em suas riquezas e potencialidades exploratórias.

Depois de chegarem ao Rio de Janeiro em 1817 a missão austríaca se dividiu: Sipix e Martius seguiram em direção à região norte do Brasil buscando conhecer a floresta amazônica e Pohl seguiu em direção às Capitânicas de Minas Gerais e Goiás. Devido à sua condição de mineralogista, Pohl foi designado a pesquisar sobre a região mais rica em minérios do Brasil (Pohl, 1976). Essa missão foi responsável por um rico levantamento sobre a flora, fauna e as riquezas minerais do Brasil, onde os exemplares recolhidos foram enviados para a academia de Munique (LEITE, 1996).

As descrições produzidas pelos membros da missão austríaca não ficaram reduzidas apenas às características naturais do território brasileiro. Os costumes da população foram um tema bastante abordado pelos naturalistas alemães. Pohl exemplifica bem essa questão, pois, ao percorrer o interior do Brasil, ele se preocupou em realizar um levantamento completo sobre todos os aspectos das regiões por onde passou, não se prendendo apenas aos relatos sobre as riquezas naturais. O comércio, as relações de trabalho, os costumes, a criminalidade, a escravidão e a vida cotidiana

de vários povos indígenas por ele encontrados foram temas que sempre estiveram presentes em sua obra “Viagem no Interior do Brasil”. Essa obra constitui um levantamento sobre a sua expedição realizada entre 1817 e 1821, quando percorreu as Capitanias de Goiás e Minas Gerais. O autor também publicou, após o seu retorno para a Europa, um trabalho sobre Botânica com o título: “Plantarum Brasiliae icones et descriptiones hactenus ineditae”.

Para esta dissertação, a obra de Pohl “Viagem no Interior do Brasil” foi utilizada como fonte principal. Buscou-se analisar todas as passagens referentes às localidades urbanas descritas pelo naturalista, na tentativa de compreender a realidade de Goiás a partir do olhar do viajante. O objetivo maior deste trabalho foi compreender de que forma os principais naturalistas que passaram por Goiás no início do século XIX enxergaram a realidade da população urbana de Goiás, tendo como foco principal a obra de Pohl. Sabendo que a cidade é um tema de grande abrangência e complexidade, procurou-se delimitar a análise às questões mais abordadas pelos viajantes em seus diários.

No primeiro capítulo, a nossa análise será focada nas questões relacionadas à economia urbana de Goiás como comércio, trabalho e criminalidade a partir das descrições dos viajantes naturalistas. Também serão analisados os relatos feitos por D’Aliancourt em relação à economia urbana. A proposta nesse momento será estabelecer uma comparação entre os relatos dos naturalistas, buscando entender como eles representavam, em seus diários, as localidades urbanas de Goiás.

A partir do segundo capítulo, o foco recairá sobre a população urbana. Tomando por base o trabalho de Barreiro, 2002, buscou-se analisar as descrições feitas por Pohl em relação às questões de saúde coletiva da população urbana de Goiás. Sabendo que Pohl foi o principal médico estrangeiro que passou por essa região durante a primeira metade do século XIX, será feito um levantamento das principais passagens narradas por ele em relação à saúde coletiva da população que vivia nas cidades do interior do Brasil, tendo como foco principal a região de Goiás. Na parte final desse capítulo, procurou-se traçar um paralelo entre as descrições feitas por Pohl, Saint-Hilaire e Gardner, com o objetivo de mostrar como cada viajante enxergou a questão.

O terceiro capítulo é uma continuação da análise do segundo, mas nesse ponto do trabalho, o foco será o olhar do viajante em relação aos costumes da população urbana de Goiás. Foram analisadas as obras dos três naturalistas com destaque para

o trabalho de Pohl. A escolha da obra de Pohl ocorreu devido à proximidade que esse viajante conseguiu estabelecer com a população de Goiás. No final do terceiro capítulo há uma análise sobre a relação dos viajantes e a população local, tendo como referencial a obra de Moreira Leite, 1997. O objetivo foi entender de que forma o naturalista observou e representou as experiências vividas por ele durante a expedição e como a população recebeu um visitante tão ilustre e diferente.

Esta dissertação foi pautada principalmente nos trabalhos de três autores que muito bem analisaram a questão dos viajantes naturalistas que percorreram o sertão brasileiro, no início do século XIX. Ilka Boaventura Leite propõe uma revisão das representações dos viajantes em sua obra “Antropologia da Viagem”. Esse trabalho muito contribuiu para esta pesquisa ajudando a direcionar e analisar as fontes na busca por um olhar crítico, ajudando a compreender o que estava por trás das descrições. No primeiro e segundo capítulos, o principal referencial é o trabalho de José Carlos Barreiro, “Imaginário e Viajantes no Brasil do século XIX”. Essa obra muito contribuiu na compreensão da visão dos viajantes sobre as relações econômicas e de trabalho nas cidades brasileiras, além de auxiliar a entender as representações que giram em torno da ideia sanitária e da forma em que o naturalista enxerga as questões de saúde coletiva da população urbana do Brasil. Destaca-se ainda, como referencial para esta dissertação, a obra de Miriam L. Moreira Leite “Livros de Viagem (1803-1900)”, que muito ajudou na compreensão da importância da literatura de viagem do século XIX para o mercado editorial europeu, além de estabelecer uma crítica concisa sobre o olhar do viajante em relação ao estrangeiro e como esse representa aquilo que vê.

Todos os dados coletados para confecção desse trabalho foram retirados de quatro fontes principais, que são as seguintes: “Viagem No Interior do Brasil” de Johan Emanuel Pohl com tradução de Milton Amado e Eugênio Amado, “Viagem às Nascentes do Rio São Francisco” e “Viagem à Província de Goiás” de Auguste de Saint-Hilaire com tradução de Regina Regis Junqueira, “Viagem ao Interior do Brasil” de George Gardner com tradução de Milton Amado e “Memória Sobre a Viagem do Porto de Santos à Cuiabá” de Luiz D’Alincourt. Essas fontes foram selecionadas por terem sido esses viajantes os que mais escreveram sobre Goiás durante a primeira metade do século XIX. Todas as fontes foram lidas em português e foram utilizados os diários publicados apenas pela editora Itatiaia que fazem parte da coleção “Reconquista do Brasil”.

Enfim, esta dissertação foi o resultado de um trabalho de pesquisa de mestrado na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, para o qual foi bastante salutar a contribuição de todos os professores, através de aulas ministradas durante o curso. Buscou-se aproveitar um pouco de cada aula, para alicerçar o conhecimento necessário para continuar um projeto que começou no curso de graduação, que é reler Goiás através do olhar dos naturalistas europeus.

1 A CIDADE E OS NATURALISTAS

Na dolorosa aventura de percorrer o sertão brasileiro, muitos naturalistas pagaram até mesmo com a própria vida. Eram longas as viagens por caminhos inseguros em todos os sentidos, mas a certeza da contribuição científica motivava esses cientistas errantes. Por serem naturalistas, era de se esperar narrativas concentradas em informações sobre um Brasil mitológico fechado em suas florestas espetaculares tal como foi narrado pelos viajantes europeus dos séculos XVI e XVII (Leitão, 1941), mas, sem dúvida, essa não foi a realidade encontrada nos diários da maioria dos viajantes que estiveram em terras brasileiras (Barreiro, 2002), principalmente aqueles que passaram pela capitania de Goiás durante o século XIX, entre os quais destacam-se Pohl, Saint-Hilaire, Gardiner e o militar e comerciante português D'Alincourt. E, embora tivessem objetivos e nacionalidades diferentes, tinham em comum a relevância dada à narrativa sobre o espaço urbano, por menor e mais insignificante que ele fosse.

É possível apreender as representações sociais construídas pelos viajantes mediante as observações que eles faziam em relação a vários aspectos das cidades brasileiras do século XIX. Não escapavam aos seus olhares, por exemplo, aspectos como ritmo, o traçado das ruas, as pessoas, a movimentação dos portos, as operações manuais de carga e descarga, os vendedores ambulantes, o som da música que acompanha o trabalho dos negros, inscrevendo-se aí um confronto de valores que é traduzido na necessidade de destruição de práticas ligadas ao “primitivismo” e a “barbárie”, para que se assente a modernidade em seus aspectos sociais e culturais (BARREIRO, p.69, 2002).

Para esses viajantes, os arraiais não passaram de maneira alguma despercebidos: em todos os detalhes eles estavam presentes, mesmo que o objetivo planejado para o naturalista que percorresse o interior do Brasil em direção à capitania de Goiás não fosse descrever o ambiente urbano e sim as riquezas naturais. Portanto, os núcleos não foram esquecidos, na verdade, para os naturalistas que analisaremos nesse tópico, as cidades tiveram tanta importância quanto o ambiente natural em seus diários.

Essas expedições científicas recebiam o patrocínio dos governos europeus e buscavam um conhecimento profundo da realidade de uma nova nação carregada de promissoras riquezas naturais, mas outros pontos não poderiam passar despercebidos como o comércio, a população, a arquitetura, a produção agrícola e os

costumes de maneira geral, pois todos esses aspectos poderiam ser de extrema importância para um processo de integração econômica do Brasil aos mercados europeus (MOREIRA LEITE, 1997).

Como já foi dito na introdução, o diário de Pohl, “Viagem No Interior do Brasil”, será utilizado como fonte principal na confecção do primeiro capítulo e, devido à numerosa quantidade de relatos, será feito um recorte principal sobre as cidades da capitania de Goiás e Minas Gerais, nas quais o viajante permaneceu a maior parte de sua trajetória. Compreendemos que os relatos de Pohl trazem algo a mais: ele difere dos outros viajantes citados anteriormente (principalmente Saint-Hilaire que é considerado o mais conhecido de todos). Pohl expõe os núcleos urbanos de uma maneira mais detalhada e menos preconceituosa. Entre todos os viajantes que passaram por Goiás, Pohl foi o que permaneceu mais tempo na região e, por ter formação em medicina, era o que tinha a maior oportunidade de conhecer a vida privada da população local. Além disso, devido a essa formação, conseguiu se envolver mais com a população o que lhe permitiu compreender melhor os problemas vividos pelo povo goiano. Mas o que levou esses viajantes naturalistas a escreverem sobre os arraiais?

Entender os motivos que levou os viajantes naturalistas a escreverem sobre os arraiais é uma preocupação que surge a partir do momento em que se percebe a importância que estes autores dedicavam a estas localidades em suas obras. É possível constatar que se envolviam com a vida dos habitantes a acabavam buscando não apenas o reabastecimento de sua caravana. Eles tentavam se ambientar e até mesmo relatavam que as despedidas destes locais (eram feitas) com bastante tristeza. Sabemos que os viajantes europeus que percorreram o sertão brasileiro no intuito principal de descrever a fauna e a flora, não deixavam de relatar sobre as localidades mais afastadas, refletindo a preocupação com o urbano, sua população e potencialidades.

Construída no dia seguinte tínhamos de andar mais uma légua só para chegar ao caminho verdadeiro, o qual conduz, do rio Macaco, cruzando a montanha, ao arraial de Corumbá. Fica este em uma colina, além do qual se elevam serras mais altas e finalmente a três milhas de distância, em forma de anfiteatro, as moles rochosas dos montes Pireneus. Este panorama e, em parte, a vista da própria aldeiazinha com os telhados vermelhos, dão a toda região um caráter muito pitoresco. A aldeia não corresponde em nada ao seu aspecto a distância. Vê-se ao penetrar nela, depois de transposto o aurífero rio Corumbá, que os telhados alegres e brilhantes ao longe, cobrem miseráveis e semiarruinados casebres de barro. Consta ao todo em duas vielas íngremes irregularmente (POHL, 1976 p 115).

No trecho acima fica claro o olhar de admiração do viajante ao encontrar em um pequeno arraial no sertão da província de Goiás tamanha contradição, em um ambiente tão pobre. Ao descrever um local, o narrador sempre busca uma referência na qual possa apoiar a sua análise, estabelecendo juízos de valor, portanto a narrativa pode vir carregada de preconceitos. Importante é notar que a cidade de Corumbá não foi esquecida em suas descrições por menor que fosse, mesmo que o objetivo maior do autor fosse descrever Meia Ponte, cidade mais desenvolvida da região no início do século XIX, quando Pohl passou por Goiás, entre 1818 e 1819. Já ao descrever Meia Ponte, este autor não poupa elogios e demonstra bastante interesse em falar do comércio local e da posição geográfica, privilegiada pelo encontro de várias estradas que ligavam Goiás às regiões norte e sudeste.

Podemos também notar que Auguste De Saint-Hilaire viajante francês que percorreu o sertão brasileiro entre 1816 e 1822, refere-se às cidades encontradas nos locais mais longínquos, na tentativa de fazer um verdadeiro levantamento histórico, geográfico, econômico e populacional, sem se esquecer do comércio local. Além dessas descrições terem se constituído como as principais referências históricas sobre alguns lugares tão afastados de Goiás, estas narrativas escritas em línguas estrangeiras (alemão e francês) influenciaram na construção do imaginário europeu sobre o interior do Brasil.

Partindo desse ponto de vista, pode-se entender que imaginário social se liga ao poder estabelecido e à sua manipulação atende a interesses diversos como dos estados europeus que, através de expedições científicas para o interior do Brasil, conseguiriam construir uma concisa representação sobre o sertão brasileiro, com uma linguagem persuasiva como a literatura científica de viagem, bastante tradicional na Europa. O domínio do imaginário é uma importante estratégia do poder e essa pode se configurar através da linguagem. O século XIX caracterizou-se pela valorização do racional e, para Castoriadis, foi neste momento que o simbólico foi inserido em uma ordem racional e a linguagem se apresenta como a maior representação do simbólico.

Tudo o que nos apresenta, no mundo social-histórico, esta indissociavelmente entrelaçado com o simbólico. Não que se esgote nele. Os atos reais, individuais e coletivos – o trabalho, o consumo, a guerra, o amor, a natalidade – os inumeráveis produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade poderia viver um só momento, não são nem sempre, não diretamente símbolos. Mas uns e outros são impossíveis fora de uma rede simbólica. Encontramos primeiro o simbólico, é claro, na linguagem. Mas encontramos igualmente, num outro grau e de uma outra maneira, nas instituições (CASTORIADIS, 1982, p 142)

Desta forma, a construção de um universo simbólico sobre o sertão do Brasil, no início do século XIX, se fez através de uma linguagem bastante estratégica: a literatura de viagem, escrita por cientistas aventureiros e acessíveis ao europeu médio. Estas descrições não poupam as comparações com regiões mais desenvolvidas e valorizam em seus relatos o meio urbano mesmo que quase insignificante. Naqueles pequenos povoados estariam as lembranças de um ambiente extremamente significativo, as cidades alemãs e francesas as quais causara a estes narradores tamanha saudade. E isso constitui imaginário do narrador que influencia a narrativa e constrói o simbólico. Portanto, o imaginário social é algo cíclico que está em constante construção e desconstrução e recebe influência das representações.

O mineiro de hoje sebe conversar, e faz muitas vezes com espírito de cordialidade. Já os colonos goianos mantêm o silêncio da ignorância. Tem um ar de indolência e uma tendência a futilidade que os tornam facilmente reconhecíveis. Em Minas sempre fui recebido com hospitalidade, e mesmo nos lugares mais pobres pareciam receber-me com prazer, nunca deixando de convidar-me para partilhar de suas refeições. Em Goiás indicavam-me displicentemente um miserável abrigo e, à exceção daqueles a que eu era recomendado, ninguém jamais me ofereceu a menor coisa. (SAINTE-HILAIRE, 1976, p 187).

Através do domínio da linguagem, os viajantes acabam contribuindo para formação de uma concepção sobre o sertão e, como demonstra o trecho acima, o tratamento recebido por estes viajantes influenciaria diretamente em suas descrições e, a partir do momento em que estas obras são publicadas, perde-se o controle sobre as consequências daquilo que é narrado.

O poder não para de nos interrogar, indagar, registrar institucionalizar a busca da verdade, profissionaliza-se a recompensa. No fundo temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas, ou melhor, temos que produzir a verdade para poder produzir riquezas (FOUCAULT, 1986, p 180).

Portanto, o poder da construção de linguagens e representações se relaciona com a estruturação de verdades, formas de constituição de um imaginário social, atendendo às estratégias do poder vigente. Seria tão interessante, tanto às nações europeias, quanto ao Brasil, esse tipo de expedições que se propusessem percorrer o sertão em busca de descobertas científicas. Aos estrangeiros interessava, não apenas o conhecimento científico, mas investigar as riquezas do interior brasileiro e construir uma narrativa a partir de uma visão europeia do “civilizado” que analisa da maneira científica os modos de vida de pessoas “incultas”. Ao governo luso-brasileiro,

interessava divulgar uma região espantosamente rica e que permanecera fechada em quase todo o período colonial. A abertura só foi possível a partir de 1808, quando o Brasil esteve apto a se relacionar economicamente com outras nações. Seria então de vontade dos poderes envolvidos com estas expedições o desenvolvimento de atividades comerciais e produtivas nestas regiões e, para tanto, deveria se conhecer melhor a “sertania” misteriosa. Desta forma, as cidades e lugarejos encontrados seriam bastante úteis, caso se tentasse montar uma estrutura produtiva, mas a precariedade encontrada pelos viajantes mostrou que isso seria um sonho muito distante.

1.1 A cidade como pouso

As cidades sempre estiveram substancialmente presentes nas representações dos viajantes (Barreiro, 2002), a sua importância para eles não estava apenas relacionada com a necessidade estratégica de se buscar um pouso ou uma pausa para o descanso do naturalista preocupado com a fauna e a flora. Em alguns momentos, chegar às cidades mais importantes parecia ser o objetivo maior do viajante. Antes de tudo, chegar a alguma localidade urbana significava parar com segurança em um local onde as chances de ser assaltado poderiam ser menores. Depois, era o momento de buscar uma hospedagem que pudesse oferecer o mínimo de conforto, o que geralmente ocorria nas casas das pessoas mais “ilustres” e que se fazia, na maioria das vezes, com pouca dificuldade, pois a elite local considerava ser um grande privilégio hospedar um cientista estrangeiro que poderia realizar uma consulta médica, contar notícias de terras europeias ou, até mesmo, aumentar o status daquele que oferecesse hospedagem perante as outras pessoas da elite urbana.

Já hospedado, o viajante procurava as maiores autoridades do local para buscar o apoio logístico à expedição e levantar as informações necessárias em relação à história, população, economia, estrutura política e os costumes da região (católicos ou pagãos). Esse levantamento era feito sem maiores dificuldades, pois, na maioria das cidades, os viajantes ficavam hospedados nas residências das autoridades políticas, militares ou religiosas. Ao buscarem o apoio logístico era grande a necessidade pela compra de mantimentos para a expedição, animais de carga, caixas de madeira para armazenar as amostras coletadas e mão-de-obra competente

para o auxílio da expedição. Era nesse momento que se encontravam as maiores dificuldades, pois, devido à situação de isolamento em que se encontrava o sertão brasileiro na primeira metade do século XIX (Assis 2005), conseguir uma sustentável estrutura logística era praticamente impossível, como relata Saint-Hilaire:

O substituto do comandante, que me prometera logo quando eu cheguei arranjar-me um tocador, trouxe-me um pedestre no dia seguinte, explicando-me que por não ter conseguido ninguém que me quisesse acompanhar voluntariamente, ele se vira forçado a valer de sua autoridade para obrigar o homem a trabalhar para mim. Ajuntou que ele me acompanharia até o distrito vizinho, e lá seria substituído por outro pedestre. “Ninguém aqui quer ganhar dinheiro” disse-me, “por menor que seja a duração do serviço. Os fazendeiros que possuem grandes extensões de terras dão permissão aos pobres que cultivem o que quiserem, e estes sabem que com pouco trabalho conseguem o bastante para viverem o ano inteiro. Preferem ficar à toa ao invés de usufruir de um lazer que lhes custou o suor do rosto” No dia em que contratei o pedestre mandei chamá-lo à noite, mas ele mandou dizer que não podia vir até a minha casa porque estava muito ocupado. Sua resposta não me pareceu um bom augúrio, e no dia seguinte o homem tinha desaparecido. Comuniquei o fato ao comandante, que durante dois dias tento arranjar-me em vão um outro pedestre. Todos os moços do lugar tinham fugido ao saberem que um deles seria requisitado, no entanto eu tinha dito várias vezes que pagaria bem a quem me quisesse acompanhar nem que fosse por um único dia. Parti mais uma vez sem tocador (SAINT-HILAIRE, p.97.1975).

O trecho destacado acima refere-se à passagem de Saint-Hilaire pelo interior da capitania de Minas Gerais já próximo da fronteira com Goiás em abril de 1819. Essa localidade, com o nome de Pium-i, era mais um dos potenciais núcleos urbanos inseridos no sertão encontrados pelos viajantes que estivessem indo em direção à capitania de Goiás. Como pode ser notado, o narrador nos relata um acontecimento bastante comum relatado também nos diários de outros viajantes que percorreram o sertão brasileiro no mesmo período: a dificuldade de se encontrar mão-de-obra para a sua expedição.

Saint-Hilaire viajou de São João Del Rei até a cidade de Paracatu, passando pelas nascentes do rio São Francisco, o que tornava a viagem ainda mais longa e cansativa, sem conseguir um trabalhador que se dispusesse a exercer o papel de tocador em sua expedição. O fato que causara mais indignação no viajante era que nem por ordem oficial e pagando bem (até mesmo adiantado) parecia impossível arranjar um homem livre que se oferecesse ao trabalho. Mas o tocador tinha um papel importante na expedição: era ele que se responsabilizava pelo cuidado com os animais dia e noite, portanto não era um trabalho muito fácil, o que poderia explicar a dificuldade de se arranjar esse tipo de mão-de-obra. Para os homens dessa região,

ficava bem mais simples conseguir o sustento com trabalhos que exigissem menor dedicação. Outro ponto que deve ser levado em consideração é a estranheza causada pela presença de um estrangeiro no local (LEITE, 1996). Poucos sabiam realmente qual o objetivo da presença daquela pessoa tão diferente na região e o que realmente fazia um cientista. Portanto, a dificuldade em se encontrar mão-de-obra livre não ocorria devido à indolência da população como os viajantes insistem em mostrar, mas sim a fatores bem mais profundos que devem ser buscados nas entrelinhas dos relatos.

Pohl foi outro viajante que também encontrou grandes dificuldades em relação à mão-de-obra, durante a sua passagem por Goiás na cidade de Santa Luzia, que era a primeira localidade urbana encontrada após a travessia da fronteira entre a capitania de Minas Gerais e Goiás, o viajante estava precisando de um carpinteiro que pudesse confeccionar algumas caixas de madeira para armazenar os exemplares recolhidos que seriam enviados para a Europa, mas a dificuldade em se encontrar um trabalhador foi muito grande, o que levou o narrador à seguinte descrição:

Ademais, todos são muito preguiçosos e consideram ser vergonha ou desonra um branco ou livre trabalhar, ainda que pouco. Esta preguiça transmite-se aos próprios portugueses, que, as vezes, chegam da Europa com a intenção de fazer fortuna trabalhando tão pouco quanto os nativos. Então se não podem tornar-se ociosos enriquecidos pelo o casamento com alguma rica mulata, escolhem viver precária e miseravelmente para gozarem do bem aventurado far niente. Preferem passar por todas as privações a compartilhar do trabalho do negro, nem sempre robusto, para que ele, orgulhoso de seu sangue europeu, olha de cima para baixo (POHL, p.113, 1976).

Nesse trecho, o narrador mostra como os descendentes de europeus se comportam perante o trabalho. Para ele, a preguiça e o orgulho eram os maiores causadores da falta de mão de obra nas regiões interioranas. Considerando que ao parar em uma determinada cidade o viajante procurava não só o pouso seguro como também a melhoria da estrutura da expedição, a viagem poderia atrasar muito por conta da falta de mão-de-obra ou de artigos necessários para a continuidade da viagem, causando uma verdadeira revolta em um cronista acostumado e ver tanto desenvolvimento econômico e científico (LEITE, 1996). Mas não podemos deixar-nos seduzir pelas narrativas ao ponto de concordarmos cegamente com as opiniões desses cronistas. É bom lembrar que a Capitania de Goiás passava por um momento bastante complicado em sua economia, com a diminuição da produção aurífera, o que levou ao aumento da produção de subsistência (ASSIS, 2005) e esse tipo de trabalho

não era visto de maneira positiva pelos viajantes europeus que passaram pelo Brasil (BARREIRO, 2002). Dessa forma, aquilo que era julgado como preguiça e ociosidade poderia ser interpretado como uma opção pela subsistência; as privações e precariedade em que vivia a população do sertão, por outro lado, poderia ser interpretado como falta de ambição decorrente do desconhecimento de objetos de consumo, comuns na Europa. Portanto, para se ter uma vida simples e sustentar a sua família, não seria preciso que o indivíduo em Goiás trabalhasse doze horas por dia como acontecia na Europa.

É certo que a produção de subsistência como uma opção da maioria dos agricultores de regiões como Goiás poderia dificultar a organização de expedições científicas e comerciais, gerando a falta de alimentos para o abastecimento das expedições. Em sua passagem pela cidade de Corumbá, na Capitania de Goiás, Pohl descreve o seguinte acontecimento:

Seus alimentos habituais são feijão e o milho, que aliás não produzem em grande quantidade. Comprovei tal coisa quando procurei em vão algum milho para meus animais. Disseram-me os moradores que eles próprios se achavam privados desse cereal a semanas e que nenhuma quantidade poderia se arranjar. O novo governador do Mato Grosso, a caminho de seu destino, fora surpreendido pela estação chuvosa e aqui se demorara por três meses esperando melhor tempo, com trinta soldados além de pessoas de seu séquito. Tantos hóspedes bastaram por consumir todo milho da região e por fim foi requisitado a força o que se encontrou na vizinhança. Do ocorrido deve o governador ter sentido a necessidade de, por meio de estímulos legais, induzir os habitantes a maior atividade no cultivo dos campos. (POHL, p. 116, 1976).

O naturalista Gardner, em sua passagem por Natividade, faz referência às dificuldades em se encontrar mantimentos para a sua expedição, o que, para ele, seria um problema gerado pela preguiça da população local que não se dispunha a trabalhar e produzir os alimentos. Em sua passagem por Natividade, que era uma das mais importantes cidades do norte da Capitania de Goiás, muitas foram as suas privações em relação à alimentação, levando o viajante a construir uma áspera crítica à população local.

A maioria das casas é edificada do mesmo material. Os habitantes são vadios e indolentes em extremo e, por isso, sempre há entre eles grande escassez das coisas de necessidade comum da vida. Conquanto grande parte dos arredores da vila muito se preste as plantações de mandioca e outras, bem poucas são as que se veem; Embora haja grandes fazendas de criação de gado a apenas poucas léguas de distância, não se encontra carne fresca a venda senão uma vez por mês; mas isso não admira, pois o grosso da população, por seus hábitos indolentes, não dispõe de recursos para comprar carne ou qualquer outro artigo de utilidade. (GARDNER, 1975, p.157)

Na passagem acima, podemos entender a importância da cidade como ponto de parada para o reabastecimento da expedição. Gardner estava à procura de alimento, mas não encontrou, ficando indignado com o fato devido à grande quantidade de terras férteis encontradas em Goiás.

Em primeiro lugar, devemos considerar que, devido às condições econômicas da região na primeira metade do século XIX, a passagem de viajantes que necessitassem de comprar qualquer tipo de alimento, era um fato bastante raro, o que desestimulava a população local a buscar um tipo de produção agrícola com objetivo comercial. Além disso, como o próprio narrador colocou, a opção pela pecuária se fazia presente devido à maior facilidade para a exportação desse tipo de produto (PALACIN, 1986), com isso seria natural que faltassem mantimentos para a aquisição comercial. Rechaçamos então a ideia de indolência, fruto da visão preconceituosa e eurocêntrica presente nas representações dos viajantes europeus.

Nesta outra passagem, destacada abaixo, podemos ter uma dimensão maior das dificuldades enfrentadas por Gardner durante a sua passagem por Natividade:

Durante a nossa permanência em Natividade, fomos obrigados a alimentarmos quase que exclusivamente de farinha e carne seca salgada, sem poder encontrar arroz, nem bananas, nem carás. De vez em quando conseguia comprar uma espécie de biscoito grosseiro feito de farinha de milho, e uma ou duas vezes recebi de presente uns pãezinhos feitos de trigo produzidos em terras altas perto da cidade de Cavalcante (GARDNER, 1975, p.157).

A cidade então, como dito anteriormente, está presente nas narrativas dos viajantes naturalistas que passaram pela capitania de Goiás e pelo interior do Brasil. Portanto, ela funcionava, em primeiro lugar, como o ponto de parada devido à busca por um descanso seguro e pela reorganização da expedição, mas, como podemos perceber no trecho anterior, nem sempre os viajantes tinham o sucesso esperado durante a sua estada. Constrói-se, assim, uma representação na maioria das vezes negativa ao extremo sobre os meios urbanos do interior do Brasil. Como em grande parte das cidades em que os viajantes paravam faltava quase tudo que eles precisavam para as suas expedições, na elaboração dos relatos, era bastante comum a construção de uma memória que viesse a denegrir a realidade local.

Esses relatos, mesmo carregados de opiniões negativas, foram a base para a construção da história do Brasil (LEITÃO, 1941) e, durante muito tempo, a historiografia brasileira utilizou dessas representações sem se preocupar em fazer

uma análise crítica sobre aquilo que estava escrito nos diários. Dessa forma, o estigma da indolência se perpetuou. Mas, a partir da segunda metade do século XX, a análise crítica começou a fazer parte dos estudos historiográficos e a interpretação dos relatos passou a ser realizada, buscando-se compreender, de maneira mais profunda, o ambiente em que estavam inseridos esses viajantes.

Os relatos de viajantes estrangeiros têm sido utilizados como documentação em trabalhos de História, Sociologia, Economia e Antropologia. Até 1970, contudo, tinham sido aceitos sem maiores análises críticas ou fora de uma perspectiva histórica. Embora sejam fontes promissoras de dados qualitativos (principalmente) para História Social, a documentação que nos fornecem precisa passar por um crivo analítico, que torne válida a sua contribuição (MOREIRA LEITE, 1997, p.09).

Moreira Leite (1997) expõe a ideia de que os relatos só poderão realmente ter validade para o trabalho historiográfico se forem analisados de maneira crítica. Portanto, ao tentarmos entender as cidades do sertão brasileiro (mais especificamente da capitania de Goiás), como um ponto de parada para as expedições dos viajantes naturalistas europeus, compreenderemos o que está além dos relatos, para não repetir o equívoco da construção de uma representação negativa sobre o local. É natural que os viajantes, ao passarem por regiões como Goiás, tivessem bastante dificuldade para encontrar mantimentos, mão-de-obra, animais de carga e outros artigos necessários para a estruturação de uma expedição; O que justifica a visão negativa expressada por eles.

1.2 Economia e comércio nas cidades de Goiás sob a visão dos naturalistas europeus

O contexto econômico vivido pelo Brasil no início do século XIX era de abertura, de busca de novos parceiros comerciais, e foi nesse período que os principais naturalistas europeus passaram pela região da capitania de Goiás. Essa região passava por um processo de transição econômica da mineração para uma economia baseada na pecuária e na produção agrícola (ESTEVAM, 2004). Motivados por aspirações científicas, Pohl, Saint-Hilaire e Gardner buscaram descrever as riquezas naturais que, conseqüentemente, atrairiam investidores estrangeiros em busca de terras praticamente inexploradas.

Para que os relatos pudessem mostrar essas riquezas de maneira mais completa, seria importante a descrição dos ambientes urbanos e de suas potencialidades econômicas. Dessa forma, economia e comércio não poderiam passar despercebidos. Esses dois fatores essenciais na composição da estrutura cidadina estiveram associados em todos os momentos da narrativa dos naturalistas.

O comércio sempre foi descrito pelos viajantes que, ao encontrarem uma localidade urbana, faziam questão de buscar, com as autoridades locais, dados que viessem a explicar as características econômicas da cidade onde eles estavam. Assim, era comum que relatassem a quantidade de lojas, os produtos mais comuns da região, a arrecadação de impostos, a quantidade de escravos, a produção artesanal, etc. Com isso, seria possível para que o leitor europeu conhecesse as características das potencialidades econômicas do interior do Brasil e da Capitania de Goiás.

Pohl, em seus relatos, exemplifica essa questão. Em todas as cidades do sertão brasileiro, percorridas por ele, o levantamento das riquezas comerciais estava presente, ganhando um considerável espaço em seu diário. Destacaremos a seguir alguns exemplos sobre essa questão.

Ao passar pela cidade de Corumbá (Capitania de Goiás), por volta do dia 08 de janeiro de 1820, o viajante assim descreveu a economia da região:

Em vista de terem sido abandonadas, dada a falta de escravos, várias de suas lavras de ouro, os habitantes, na maioria negros livres e mulatos, dedicavam a confecção de tecidos grosseiros de algodão ao cultivo do tabaco e a criação de porcos (POHL, 1976, p. 116).

Nessa passagem Pohl tentou descrever uma economia que, para ele, parecia decadente devido à diminuição da produção aurífera, o que, para o autor, ocorreu devido à falta de mão-de-obra escrava. Saindo de Corumbá em direção à capital da Capitania de Goiás no dia 10 de dezembro, o viajante chegou à cidade de Meia Ponte onde encontrou uma realidade econômica bem melhor sendo descrita por ele da seguinte maneira:

Os habitantes viviam outrora de suas rendosas lavras de ouro, agora têm a fama de experimentados cultivadores de milho, mandioca, fumo, cana-de-açúcar, café e algodão (de que também fazem chapéus), plantão também trigo que produz bem. Além disso fazem considerável comércio, fazendo pela situação da cidade no ponto de junção das estradas que conduzem a Goiás, Mato grosso, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Achei as mercadorias muito mais caras do que na longínqua Goiás e Estalagem (POHL, 1976, p.117).

Pohl descreve a economia de Meia Ponte como mais próspera e rentável do que a de Corumbá, principalmente de acordo com o autor devido ao posicionamento geográfico dessa cidade, que estaria em um ponto de encontro das principais estradas em direção à Goiás (capital da capitania). Um fator importante a ser elucidado em relação ao relato desse viajante é a questão da diminuição das riquezas decorrente da crise da mineração: em todas as cidades de Goiás que foram descritas havia a necessidade de se conhecer e narrar aos leitores a realidade em que se encontrava a produção aurífera, que, para o autor, estava sempre decadente devido ao esgotamento das minas, isolamento das regiões auríferas ou pela falta de mão-de-obra.

Essa preocupação de Pohl em descrever as condições em que se encontrava a produção aurífera em Goiás ocorria devido, primeiramente, à responsabilidade assumida pelo viajante perante à Missão Austríaca em relatar as riquezas minerais do interior do Brasil. A prova maior dessa questão é que Pohl passou a maior boa de sua expedição percorrendo o território das capitanias de Goiás e Minas Gerais.

Assim, Pohl relatou a situação em que se encontrava a produção aurífera de Goiás no momento de sua passagem pela capitania em 1820:

Maiores lucros deram, outrora, as minas de ouro, hoje inteiramente decadentes. Agora estão esburacados os bancos de areia dos rios de todos os lugares e a superfície da terra, faltando braços para explorar o que sobrou e abrir novas. As lendas das riquezas que os habitantes outrora extraíram da terra chegam ao anedótico, aos limites do fabuloso (POHL, 1976, p.123).

Ao descrever a economia e o comércio da cidade de Vila Boa, capital da Capitania de Goiás por onde ele passou em 1820, o autor busca estabelecer várias comparações com os trabalhos realizados por comerciantes e artesãos europeus, colocando os agentes econômicos brasileiro em um relativo grau de inferioridade. Vejamos o que o autor escreveu sobre a economia de Vila Boa:

Grande parte da população vive de comércio; poucos, de ofícios manuais. Alguns praticam a lavoura e raros a mineração de ouro. Relativamente à posição que ocupam, esta é bem inferior aos congêneres negociantes ou artífices locais na Europa em qualquer sentido. Os chamados negociantes apenas se podem comparar aos nossos merceiros. Vendem suas más mercadorias como sal, ferro, gêneros de mercearia, remédios, azeite (raramente também vinho), a 300 ou 400 por cento e procuram ganhar depressa o máximo que puderem; não calculam os juros do capital empregado e são verdadeiros merceiros em todos os sentidos. (POHL, 1976, p.142).

Nesse caso, a descrição comparativa assume um importante papel na narrativa do viajante, ela serve para construir uma representação mais concisa para o leitor europeu que, ao entrar em contato com o diário do autor, poderá entender melhor a realidade econômica do Brasil. Essa realidade, narrada de maneira geral pelos viajantes, é sempre de atraso, pois buscam sempre mostrar que o Brasil estava aberto ao desenvolvimento, pronto para ser explorado pela capacidade capitalista europeia, uma nova nação com grandes riquezas naturais que poderia oferecer incalculáveis lucros aos países, empresas e empreendedores europeus.

Concordar com esse pensamento é bastante arriscado, pois o Brasil vivia outra realidade econômica que não condizia com a dos países europeus mais desenvolvidos. Portanto, qualquer comparação no sentido econômico será, no mínimo, falha. Devemos levar em consideração que a abertura econômica brasileira tinha acabado de ocorrer (Assis 2005), e que o comércio nas áreas interioranas do Brasil estava em sua fase inicial de desenvolvimento, além disso, a mineração vivia um momento de crise o que levou à diminuição do número de comerciantes, fazendo com que, os poucos que ainda restaram na Capitania de Goiás, praticassem um comércio com pouca concorrência (ESTEVAM, 2004).

Mas não foram apenas os naturalistas que estiveram em Goiás durante a primeira metade do século XIX que escreveram sobre a economia urbana. D'Alincourt, militar e comerciante português, que realizou uma extensa jornada entre o Porto de Santos e a cidade de Cuiabá passando pela Capitania de Goiás em 1818, descreveu em seu diário várias referências sobre as cidades pelas quais passou. Como nos relatos dos naturalistas, a obra de D'Alincourt é bastante rica para se compreender a realidade econômica das cidades do interior do Brasil. Ao passar por Meia Ponte, assim o autor descreveu a economia local:

Os habitantes são abastados de carne e peixe, colhem milho, trigo, legumes, mandioca, tabaco, algodão e algum café, criam gado vacum e capados; fabricam tecido de algodão, e mesmo alguns de lã; daqui se exporta grande cópia de gêneros para a capital, e é esse o lugar de toda a província que melhor se cuida da agricultura. As tropas de negociantes de Cuyabá, e Goyaz, nele se refazem do preciso para descerem às províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. O gênero mais considerável, que se exporta é o algodão (D'ALINCOURT, 1975, p. 90).

Assim como nos relatos de Pohl, D'Alincourt busca destacar a importância econômica de Meia Ponte para a Capitania de Goiás durante a primeira metade do

século XIX, ambos os viajantes defendem que o comércio dessa cidade é favorecido por seu posicionamento geográfico, situada em um ponto de encontro de várias estradas que ligavam Goiás à outras capitanias. Outro fator coincidente nesses dois relatos, seria a questão do desenvolvimento agrícola de Meia Ponte em relação às outras cidades do sertão brasileiro. Os autores destacam produtos como o milho, a mandioca, cana-de-açúcar, algodão e até mesmo o café, como as mais importantes culturas agrícolas da região que eram comercializadas com outras regiões, além de viajantes e tropeiros que passavam pela cidade.

Levando em consideração que Pohl e D'Alincourt estiveram em Goiás praticamente na mesma época, o primeiro entre 1819 e 1820 e o segundo em 1818, seria compreensível que os relatos em relação a uma cidade importante regionalmente como Meia Ponte fossem coincidentes, mas o olhar do viajante que chega sem conhecer nada do local e busca informações sobre a economia com pessoas da elite tende a enxergar sempre o mesmo ponto (MOREIRA LEITE, 1997), aquilo que interessa narrar e que despertará o olhar capitalista do leitor para uma região com muita potencialidade econômica.

Outro fator em comum dos relatos de Pohl e D'Alincourt é a questão da crise da mineração que atingia a Capitania de Goiás. D'Alincourt, ao passar pela capital Vila Boa, fez algumas considerações sobre essa questão:

A Mineração está em grande decadência, e a agricultura ainda na infância, todavia a cidade é abastada, porque de muitas léguas em roda concorrem ali os fazendeiros com diversos viveres, por ser o único lugar que podem vender com lucro. O ouro, e gado fazem objetos de exportação; além desses já se exporta algum algodão, tanto em natureza com em tecido: A importação consta de fazendas, secos, molhados, sal, aço, ferro e escravatura (D'ALINCOURT, 1975, p.97).

Saint-Hilaire foi outro viajante que tentou descrever a crise da mineração em Goiás cuja passagem pela região ocorreu em 1820. Assim como os dois viajantes citados anteriormente, ele deparou-se com uma realidade econômica onde a mineração já não era o principal produto da região, vejamos:

As minas de ouro descobertas por um punhado de homens audaciosos e empreendedores; um enxame de aventureiros que se atira sobre as riquezas prometidas, animados por um excesso de esperança e cupidez; uma sociedade calcada em toda espécie de crime que se habitua gradativamente com a ordem, sob o rigor do despotismo militar, e cujos costumes não tardam a ser abrandados pelo clima ardente da região e uma entorpecedora ociosidade; momentos de esplendor e prodigalidade; a triste decadência e a ruína. Eis ai, em poucas palavras, a história da província de Goiás. Eis ai a história de quase todas as regiões auríferas (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 159).

Em quase todos os trechos destacados anteriormente, a questão da crise da mineração se fez presente. Partindo do pressuposto que os viajantes, ao chegarem a uma determinada região, buscavam as informações necessárias para a composição dos seus diários nos depoimentos das pessoas da elite local, podemos concluir que as lembranças dos tempos áureos da mineração ainda estavam bastante presentes no imaginário da população urbana da Capitania de Goiás.

Entre os olhos que viram e o que compreendeu, medeia uma distância, coberta por sua visão europeia. As impressões do naturalista são as impressões do naturalista. É necessário ver hoje as coisas como ele viu, da forma pela qual ele não pode enxergá-las, Vê-las como ele não pode vê-las. Antes de tudo, os olhos de um europeu. Homem urbano, de um continente conflagrado pela conjuntura de amadurecimento do capitalismo, não compreendia o processo de agrarização de uma área colonial que as minas haviam povoado (MOREYRA, 1987/1988, p.164).

Com base no trecho destacado acima do professor Sérgio Paulo Moreyra, podemos concluir que os viajantes que estiveram em Goiás no início do século XIX sentiram uma grande dificuldade para entender o processo de transição pelo qual a economia local estava passando. Seria bastante complicado interpretar o que, para eles, era uma verdadeira regressão. Mas não era isso que estava ocorrendo. Na verdade, a Capitania de Goiás vivia um processo de transição econômica, o que marcaria a região por todo o século XIX (ESTEVAM, 2004).

Já o naturalista George Gardner, em seus escritos, quando se refere à economia local (o que ocorre em poucas passagens), não destaca a questão da crise da mineração. Ele se preocupou em relatar as riquezas agrícolas de Goiás, não se referindo, em momento algum, aos tempos da colonização mineradora de do estado. Gardner esteve em Goiás no final da década de quarenta do século XIX, aproximadamente vinte anos depois de Pohl, Saint-Hilaire e D'Aliancourt. A essa altura, as lembranças dos tempos do apogeu da mineração já escapavam à memória da população, dessa forma, Gardner não se preocupou em fazer nenhuma referência a esse tipo de economia (Gardner 1975). Além disso, a transição para a economia pastoril e agrária já tinha sido completada, fazendo com que o viajante não reconhecesse mais a região como um antigo e importante centro minerador.

Por outro lado, Gardner exagera ao defender que Goiás era um lugar extremamente pobre, o que para ele ocorria devido ao ócio e à indolência da população. Ele não busca relatar as riquezas oriundas das atividades comerciais,

limita-se a fazer algumas poucas referências às atividades agrícolas. Para esse autor, Goiás não passa de um lugar pobre e atrasado, portanto não dedica espaço em seu diário para as características econômicas desse local. Tal atitude exemplifica a mentalidade preconceituosa e eurocêntrica típica dos viajantes que percorreram o Brasil no início do século XIX (BARREIRO, 2002).

Na realidade a economia agrária e de subsistência praticada pela maioria da população goiana nos meados do século XIX (ESTEVAM, 2004) – principalmente os que viviam na região norte da província por onde Gardner passou – não era vista pelos viajantes como uma forma digna de sobrevivência. Para eles, o trabalho só era reconhecido como tal se fosse realizado de maneira capitalista, de forma que pudesse trazer algum tipo de acúmulo. Os viajantes sempre acusavam o homem simples que trabalhava visando à sua própria sobrevivência de ser preguiçoso e indisciplinado (BARREIRO, 2002). Sabemos, portanto, que esse era o olhar do viajante, distorcido por sua visão europeia e que dificilmente conseguiria compreender, de maneira mais profunda, a realidade da economia goiana nesse período (Moreyra, 1987/1988).

De maneira geral, os principais viajantes estrangeiros que estiveram em Goiás na primeira metade do século XIX (naturalistas ou não), empreenderam uma visão bastante preconceituosa sobre a economia urbana, sempre estabelecendo comparações com as atividades econômicas europeias e buscando retratar a crise da mineração (com exceção de Gardner). O que é de maior relevância para nossa pesquisa é mostrar como os naturalistas que tinham a responsabilidade de escrever sobre as riquezas naturais, se preocuparam em narrar as potencialidades econômicas das cidades do interior do Brasil e, conseqüentemente, de Goiás. Mesmo sabendo que o governo do Brasil tinha um grande receio em permitir que os viajantes conhecessem profundamente as riquezas minerais, tentando coibir o contrabando (LEITE, 1996).

Portanto, podemos constatar que a vinda desses pesquisadores das ciências naturais, carregava objetivos que iam bem além do estudo científico, que era fazer um levantamento das características econômicas do local, informando aos seus compatriotas as riquezas existentes no interior do Brasil, aquilo que já tinha sido explorado e o que ainda estava por explorar, visando atrair para essa nova nação recém-aberta o máximo de empreendedores que se interessassem em apostar no local. A partir disso, podemos entender o imenso interesse dos governos (luso-

brasileiro e estrangeiro) em apoiar financeiramente e politicamente esse tipo de expedição.

Comparando a visão dos viajantes europeus que escreveram sobre a região de Goiás na primeira metade do século XIX, concluímos que, entre todos, Pohl foi o que estabeleceu a visão menos preconceituosa e mais próxima da realidade econômica vivida pela região. Por ser médico e permanecer muito tempo em Goiás, conseguiu aproximar-se e envolver-se, mais facilmente, com a população local. Ele conseguiu estabelecer um vínculo maior com cada arraial por onde passou, coletando um número maior de informações e estabelecendo uma relação de envolvimento, o que o tornou mais próximo da realidade local, do que os outros naturalistas que passaram pela região. Pohl conseguiu enxergar o que Saint-Hilaire, D'Alancourt e Gardner não conseguiram e, por isso, o seu relato consegue um grau maior de sensatez, mesmo que também influenciado pelo eurocentrismo.

1.3 Trabalho e criminalidade nas cidades de Goiás a partir da visão dos naturalistas

Ao analisar o conceito de propriedade privada e trabalho no Brasil do final do século XVIII e XIX, devemos ressaltar que havia uma nítida diferença entre a realidade local e a visão dos cronistas sobre esta questão, pois, de acordo com Barreiro (2002), a partir desse período, em virtude do conceito de modernização e fortalecimento do poder do estado burguês, a propriedade privada passou a ser defendida como forma de legitimação desse poder sobre as “classes subalternas” (BARREIRO, 2002), que, por sua vez, não a reconhecia como legítima. Portanto, o furto se caracterizou como uma forma de complementar o sustento das famílias mais pobres do Brasil deste período e, também, como forma de negação do poder do estado e contestação ao conceito burguês de propriedade privada, tornando-se cada vez mais uma prática comum e até mesmo uma tradição popular.

Sobre este aspecto, fica bastante nítido na opinião dos viajantes, o desrespeito dos mais pobres ao poder do estado, que não conseguia coibir esse tipo de atitude popular. Ao mesmo tempo, é* construída, nos relatos, uma certa compreensão dos cronistas a esses furtos motivados pela fome, pobreza local e indolência. Para Barreiro (2002), aquilo que é compreendido como indolência pode ser analisado a partir de uma outra ótica. O autor defende que a interpretação temporal dos viajantes

e das “classes dominantes” se diferencia da noção temporal das “classes dominadas”, pois os primeiros entendem o tempo de maneira linear mais ligado ao ideal capitalista, e a população mais pobre brasileira do século XIX vivia de acordo com os ciclos da natureza, adequando o tempo de suas vidas ao trabalho natural de subsistência (BARREIRO, 2002).

Este fator se coloca como central no que diz respeito aos conflitos ocorridos em relação ao trabalho e à ociosidade. Caracteriza-se, assim, um duro confronto entre a visão dos viajantes e a população do sertão em relação à propriedade e ao trabalho. Nos relatos de Pohl, esta problemática pode ser analisada principalmente no momento em que o cronista descreve a população:

Estes homens, apesar de necessitados, trabalham somente ao bel-prazer. Enquanto tem uns vinténs no bolso, não movem um braço. Conheci alguns desses indivíduos que tiravam a roupa suja e ficavam debaixo de uma árvore até que uma negra a lavasse e secasse ao sol; então tornavam a vesti-las e se entregavam a ociosidade, sem se animarem a trabalhar para melhorarem a sua condição. Mas o pior é que pelo emprego do seu tempo desperdiçado pedem somas incrivelmente exorbitantes. Uma das peculiaridades desse país é que os habitantes parecem prontos a travar imediatamente relações de amizade com o estrangeiro; o que é apenas um pretexto para atrair a pessoa e depois fazer-se pagar cinicamente pelo menor favor. As trapaças são frequentes e não se pode dar um vintém adiantado sem ser logrado (POHL, 1976, p. 142).

Nesse trecho, o viajante estabelece suas considerações sobre a população, que é vista como ociosa e com tendência aos furtos e “trapaças”. Era, para ele, inconcebível a ideia do trabalho de subsistência, enquanto que na visão o homem goiano tudo ocorria normalmente e a busca pelo sustento daquele dia era o único objetivo de se trabalhar. Dá-se aí a contradição entre o pensamento do viajante e a concepção de economia da população local.

A mão-de-obra livre foi muito descrito pelos cronistas do século XIX, sempre buscando registrar a quantidade de pessoas que se dedicavam ao trabalho autônomo e de subsistência, deixando transparecer uma ampla tendência em se desconsiderar o valor da cultura produtiva local, propondo a substituição pelo sistema europeu. A pobreza é vista por estes estrangeiros como consequência do ócio, e a única forma dessa população conquistar o seu desenvolvimento econômico seria através do trabalho disciplinado, ao qual os viajantes estavam acostumados.

Mas no caso do sertão brasileiro no início do século XIX, o trabalho livre de subsistência e o artesanal eram importantes formas de sobrevivência da população

mais pobre e, por não se comporem como formas de ocupação regulares, eram consideradas pelos cronistas como atividades não civilizadas, ou até sinônimo de ócio. Para que o Brasil se transformasse em uma nação civilizada, era preciso que o trabalho disciplinado fosse introduzido, através das mãos europeias (BARREIRO, 2002).

Pohl faz várias referências à pobreza da população do interior do Brasil, em sua passagem pelo Rio de Janeiro. Antes de começar a sua viagem para a capitania de Goiás, ele resolveu fazer uma expedição até a região de Angra dos Reis pelo caminho mais complicado: a via terrestre. Mesmo desaconselhado pelos moradores locais mais experientes, pois era a estação chuvosa, Pohl partiu no dia 15 de fevereiro de 1817. Chegando próximo a Angra dos Reis, o viajante realizou uma parada, onde fez as seguintes anotações:

Quando na manhã do dia 20 (de fevereiro), quisemos continuar a viagem, os caminhos estavam tão ruins por causa da chuva incessante, que tivemos que desistir deste propósito. A benévola dona da casa me convidou para almoçar e de modo algum eu podia recusar, visto haver ela solicitado meu conselho médico para uma doença de que sofria. Entrei, pois, na casa, cujas paredes de barro não eram sequer caiadas. Com espanto observei ali dez cães de má captura. Aliás, neste quarto, nada havia além de uma pobre cama, uma cumprida mesa e um banco. Tudo, inclusive o alimento que foi posto na mesa para o filho da viúva e para mim, tinha o timbre da indigência. A comida consistia de peixe seco meio decomposto, legumes lenhosos com cebola, pequenas ervilhas duras, milho cosido com água sem sal, um pouco de queijo e bananas. Tive que forçar a minha natureza para provar as repulsivas iguarias e apressei-me em voltar para meu teto de palmeira a fim de matar a fome com alguns ovos e feijão preto cosido com vinagre, que mandei meu negro preparar (POHL. 1976, p.64).

Como podemos perceber nas anotações de Pohl, a pobreza da população brasileira chamava bastante atenção, principalmente pelo fato da “indolência” a qual a população estava sujeita, no ponto de vista dos viajantes. Este estrangeiro que percorria o Brasil, como médico que era, encontrava uma grande facilidade de adentrar nos lares da população mais humilde, pois faziam ali as suas consultas ao mesmo tempo em que matavam a curiosidade de conhecer de perto a população brasileira e encontravam conteúdo para seus diários.

Pohl entende a pobreza da população do sertão como fruto da preguiça e do trabalho indisciplinado, pois, para ele, era inconcebível que em uma terra tão fértil e abundante pudesse haver pessoas que tivessem dificuldades em se alimentar. Ao seu modo de ver a situação, a população era pobre porque queria ou porque não estava

disposta a trabalhar e empreender na tentativa de melhorar a sua condição. Mas seria a população que vivia no interior do Brasil durante o início do século XIX realmente era tão pobre quanto defendiam os viajantes?

É certo que não. Na verdade, para um naturalista acostumado com o conforto e as benesses propiciadas pelo desenvolvimento do capitalismo a situação em que se encontrava a população sertaneja do Brasil era, no mínimo, calamitosa, mas para o homem comum do interior de Goiás, por exemplo, a riqueza não estava ligada ao seu conforto ou aos bens que possuía, mas sim à sua terra, às suas plantações, ao seu rebanho, mesmo que pequeno, mas que pudesse sustentar a ele e a sua família. Outro fator que contribuía para aumentar a impressão de pobreza que os viajantes tinham da população do sertão brasileiro e, conseqüentemente de Goiás, era o medo que as pessoas tinham de serem perseguidas pelo fisco, fazendo com que muitas informações fossem escondidas, aumentando ainda mais a ideia parcial de miséria aos olhos do naturalista que passava pelo local (MOREYRA, 1987/1988). Portanto, a visão do viajante não condizia com a realidade da população do interior do Brasil.

Também devemos considerar que aquilo que é interpretado pelo viajante como ócio e indolência nada mais é do que a opção pela subsistência, pelo trabalho sem padrão (BARREIRO, 2002), favorecido pelas condições em que a economia das antigas áreas de mineração se encontrava nesse período (ESTEVAM, 2004).

Mesmo assim, devido a sua condição de médico e à proximidade maior que Pohl conseguia estabelecer com a população, seus relatos foram os de menor preconceito e com a menor carga de juízos negativos. Saint-Hilaire descreveu, em inúmeras passagens, a sua impressão sobre o trabalho no interior do Brasil. De maneira ainda mais agressiva, o autor tenta justificar a pobreza enxergada por ele através da indolência da população. Em vários trechos de sua obra essa concepção é explicitada. Ao passar por Araxá que, no início do século XIX, provocou bastante estranheza nesse viajante a existência de pessoas que pareciam ser ricas, mas mantinham seus hábitos considerados por ele, pobres, veja a seguir:

Surge aqui, naturalmente, uma questão. Contarão esses homens naturalmente com poucos recursos, ou serão ricos com aparência e hábito de pobres? À exceção do sal e de alguns escravos, que provavelmente lhes proporcionam um razoável lucro, eles não têm, por assim dizer, nada para comprar. Por outro lado, vendem evidentemente um bom número de animais, já que, afora da região do Rio Grande, essa parte de Minas Gerais é a que fornece o maior número de bois à capital do Brasil. Tudo leva a crer, pois, que os fazendeiros do lugar dispõem de bastante dinheiro. Contudo, a mania de

poupança não se coaduna absolutamente com o caráter geral imprevidente dos brasileiros do interior. O mais provável é que esses homens, cujas propriedades são todas novas, não tenham disposto de capital no princípio, comprando a crédito e pagando talvez com elevados juros os escravos e tudo mais que compõem os seus bens. Consequentemente são pobres, já que não são donos de tudo que lhes parece pertencer (SAINT-HILAIRE, 1975, p.126).

Para Saint-Hilaire, a pobreza da população do interior do Brasil não estava ligada apenas à falta de recursos financeiros; ela poderia também ser percebida através dos hábitos dos brasileiros, considerados pelos naturalistas como pobres. Ele mostra estranheza ao relatar que a região de Araxá comporta um dos maiores rebanhos bovinos do Brasil e mesmo assim a população parece pobre e levanta uma hipótese um tanto quanto arriscada, a de que, na verdade, a maioria dos fazendeiros da região estariam endividados e que, por isso, mantinham seus hábitos, considerados rudes pelos europeus. Essa seria a única explicação que o naturalista conseguiu estabelecer para tamanha contradição.

Na verdade, Saint-Hilaire não tinha informações suficientes para afirmar que a maioria das famílias ricas da região de Araxá estavam endividadas, portanto, sua suposição fatalmente cairia em descrédito. O que ocorre é que não existia uma relação de cumplicidade entre o viajante e os membros da população local o que levaria a omissão de informações, camuflando a realidade, levando o estrangeiro a pensar que a situação era de extrema miséria, afinal, se os considerados ricos vivem com dificuldades, quem dirá os pobres (SAINT-HILAIRE, 1975). A respeito dessa análise de Saint-Hilaire, considera Moreyra (1987/1988):

É preciso acrescentar ainda que a própria comunicação de Saint-Hilaire com os habitantes da região era dificultosa. Todo o livro está marcado pela irritação na convivência. Seria possível a ele entender o temperamento do sertanejo, suas meias respostas, seu silêncio, suas ironias herméticas? Por outro lado, ninguém confessava o que tinha, ninguém respondia com franqueza as perguntas que parecessem dúbias, ninguém se expunha. Recebiam bem, eram generosos, mas não se abriam. Ocultar era a regra, diante da rapinagem do fisco colonial, e sobretudo dos dizimeiros, que não perdoavam nem as galinhas e os porcos do terreiro, que contavam até as frutas do pomar (MOREYRA, 1987/1988, p.166).

A partir do trecho acima, conseguimos compreender melhor a ideia de que a pobreza e a indolência enxergada pelos viajantes é bastante relativa, e deve ser analisada com bastante cautela por aquele que estuda os diários dos naturalistas que passaram por Goiás no início do século XIX, principalmente a obra de Saint-Hilaire.

Gardner, assim como Pohl e Saint-Hilaire, fez várias considerações sobre o trabalho no interior do Brasil. Ao passar por um arraial com o nome de Almas, situado na região norte da Capitania de Goiás, próximo à cidade de Natividade, o viajante encontrou sérias dificuldades para conseguir abastecer a sua caravana e assim ele descreveu a situação:

Embora a redondeza ofereça abundância de excelentes terras de lavoura, nada aqui se planta. Ao chegar, esperava eu comprar farinha, mas nenhuma havia; de fato, só com grande favor uma pessoa que veio procurar meus serviços profissionais me vendeu um pouco de arroz. Todos se queixavam de carência de provisões ou falta de dinheiro, mas nenhuma palavra se dizia da indolência e ociosidade, causa sem dúvida, da fome que estão reinantes ali (GARDNER, 1975, p.152).

As ideias de Gardner propagam a mesma visão parcial e preconceituosa que foram pregadas pelos naturalistas que estiveram em Goiás anteriormente, só que de uma maneira mais agressiva. A impressão tida por ele de que a região era pobre e pouco produtiva foi construída pela falta de proximidade que esse viajante teve com a população, o que aproxima os seus relatos aos de Saint-Hilaire, mas em relação às ideias de Pohl, o pensamento de Gardner se torna um pouco afastado. A grande diferença é que Pohl conseguiu envolver-se de maneira mais profunda com os problemas da população local, devido à sua condição de médico e, com isso, conseguiu expor de maneira mais fiel a realidade da população local.

Pohl não deixa de defender sua ideia de que os homens do interior do Brasil eram indolentes, mas compreende que o trabalho disciplinado aos moldes capitalistas não se estruturou nessa região devido a uma série de fatores que estão muito além da questão da indolência e da ociosidade enxergada por Gardner como culpadas pelo estigma de pobreza. Na passagem abaixo, Pohl descreve as características dos trabalhadores livres da região de Vila Boa:

Como a maioria dos brasileiros, que no dia do ganho não pensam no amanhã, e vivem literalmente ao deus-dará e raro guardam um vintém para o dia da necessidade, vivem de empréstimos na esperança de poder saldá-los no bom tempo. É desnecessário dizer onde essa conduta leva no final. Eles não são de todos indolentes, e predomina aqui uma economia singular, especialmente entre os negros livres que não trabalham mais que o necessário para satisfação de suas necessidades. Faturam de dia o bastante para gastar a noite com bebidas e mulheres no máximo para continuarem essa vida por apenas mais um dia; enfim quanto tempo baste para o salário de um dia. Então chega a penúria e voltam ao trabalho, momentaneamente, para ganhar o suficiente para renovar, com os altos e baixos, essa insensata vida de maus costumes. Dada essa explicação ninguém se admirará mais de que não possa existir bem-estar entre essa população (POHL, 1976, p. 162/163).

Em primeiro lugar, podemos perceber o interesse de Pohl em tentar explicar aquilo que ele considera como falta de “bem-estar”, não utilizando termos como pobreza, carestia ou miséria como Gardner e Saint-Hilaire insistem em defender. Outro ponto interessante desse trecho é que Pohl defende que o maior problema relacionado ao trabalho não é a indolência e sim a falta de disciplina do trabalhador, que só se preocupa com os ganhos de um dia, não guardando o seu dinheiro e vivendo de empréstimos.

Portanto, para o autor, o trabalhador livre de Goiás não é simplesmente indolente e sim indisciplinado e, essa interpretação menos preconceituosa, só pode ser possível devido à maior proximidade que o viajante conseguiu estabelecer com a população, proporcionando uma interpretação mais próxima da realidade.

Por outro lado, não podemos nos apegar cegamente ao argumento apresentado por Pohl, pois ele, como naturalista estrangeiro que estava apenas de passagem pela Capitania de Goiás, teve uma visão apenas parcial da realidade. Não podemos nos ater à ideia de que o trabalhador goiano do início do século XIX só trabalhava pensando no hoje, devemos lembrar que a região onde esse trabalhador vivia era extremamente isolada, faltava de tudo e as pessoas estavam acostumadas a viver de maneira simples. As necessidades de um goiano nesse período estavam ligadas ao campo, onde nem sempre as relações ocorriam de maneira capitalista e as suas pretensões eram bastante diferentes das de um europeu comum. Enfim, os ideais de Pohl, que dizem respeito ao trabalho disciplinado e ao acúmulo capitalista, não podem ser aplicados perfeitamente à realidade goiana.

Em relação à criminalidade, o pensamento dos naturalistas não é diferente. Ao transitarem pelo interior do Brasil e se depararem com vários casos de furtos, assassinatos e assaltos expressaram os mesmos pontos de vista: o de que a criminalidade é fruto da indolência, da má índole da população do sertão e do descaso do Estado.

A criminalidade das “classes subalternas” do Brasil, foram, de acordo com Barreiro (2002), uma das maiores formas de protestos contra os “grupos dominantes”, “emergiu como uma das mais significativas facetas do protesto popular do Brasil do século XIX” (Barreiro, 2002. p.21).

Pohl, como europeu e médico, um profissional bastante raro no interior do Brasil no início do século XIX, atraía a atenção da população local, tornando-se, dessa forma, vítima de furtos ou de pessoas interessadas em tirar alguma vantagem da

presença de alguém tão ilustre. Em certa ocasião, no dia 26 de outubro de 1817, no arraial de Nossa Senhora da Oliveira, no interior de Minas Gerais, ele narrou a seguinte passagem:

A flora dos casebres é escassa. Os moradores do lugar, mulatos e negros, pareceram-me espíritos curiosos, mas limitados. Em toda parte só se via necessidade e pobreza; entretanto me vi cercado por eles o dia inteiro; preferiam o doce far niente a se dedicarem ao trabalho, ao qual só era possível movê-los, em caso de necessidade, a troco de muita súplica e bastante dinheiro. Um deles me pediu, sem qualquer cerimônia, que eu lhe emprestasse seis patacas por alguns dias, embora sabendo que eu pretendia partir no dia seguinte. Um Mendigo com um grande porrete na mão e outro de baixo do braço, invadiu meu quarto e pediu com estupidez uma esmola, ameaçando matar o meu macaco em caso de recusa. Naturalmente eu apelei para o meu robusto criado, mas não consegui livrar-me do descarado malandro sem antes lhe pagar um resgate (POHL, 1976, p. 91).

Para os naturalistas que viajavam com suas expedições científicas, trafegar pelo interior do Brasil no início do século XIX era uma verdadeira aventura, pois eram estrangeiros e pouco acostumados com a língua local, atraindo muitos curiosos e aproveitadores; com isso, o sentimento de desconfiança era muito forte. O Trecho acima é só um exemplo de como os naturalistas sentiram na pele os perigos da falta de segurança, mas na maioria dos relatos os casos de criminalidade registrados foram fatos ocorridos com outras pessoas. Em todos eles os viajantes teceram comentários carregados de juízo de valores e culpando a indolência e a má índole da população que vivia no interior, além do descaso do estado para com a prevenção e investigação dos crimes. Mas a realidade do local era bastante diferente da que eles estavam acostumados, o trecho abaixo nos ajudará a compreender melhor essa questão:

Se de um lado sua percepção estava aguçada pelas possibilidades de comparações culturais, não deixava de ser prejudicada pela falta de vivência, do habitante, pois desconhecia a história do presente testemunho. Agora quando estamos procurando conhecer as condições de trabalho dos viajantes naturalistas, a fundamentação do trabalho anterior precisa ser reformulada: o esquema da percepção do outro, das coisas e da natureza provem da experiência social do viajante em seu grupo de origem, acrescida por uma tradição iluminista, trabalhada e defendida pela ciência do século XVIII (MOREIRA LEITE, 1997, p.163).

Então é impossível desvincular a visão do naturalista de suas vivências anteriores, toda sua interpretação sobre o que viu está carregada de juízos de valores que foram adquiridos em uma Europa que vivia o “amadurecimento” do capitalismo (MOREYRA, 1987/1988). Por isso, a questão da criminalidade aparecerá sempre

ligada à indolência nos relatos de Pohl, Saint-Hilaire e Gardner, assim como a questão da pobreza.

Sanit-Hilaire fez várias referências aos crimes ocorridos nas localidades urbanas por onde ele passou, sendo esse, sem dúvida, um dos assuntos que mais o intrigou. No arraial de Formiga já próximo da Capitania de Goiás o viajante narrou o seguinte acontecimento:

Não existem minas nos arredores de Formiga, e é principalmente sua localização privilegiada numa estrada muito frequentada no começo do sertão que atrai as pessoas para ali. Parece também que muitos criminosos, perseguidos pela justiça, vêm procurar refúgio nesse lugar afastado, contribuindo assim para aumentar a sua população. Seus habitantes não gozam absolutamente de uma boa reputação, e na época que eu estive lá houve um assassinato motivado pelo ciúme. O criminoso fugiu com sua amante, que não passava de uma prostituta, e não me consta que tenha sido tomada qualquer providência para punir o culpado (SAINT-HILAIRE, 1975, p.91).

Nessa passagem o naturalista mostrou que, comumente, os núcleos urbanos do interior do Brasil são colocados de maneira preconceituosa como local de refúgio de criminosos. O arraial de Formiga, além de estar em uma região afastada da capital do Brasil era também um ponto de encontro de várias estradas proporcionando a chegada de pessoas e de fugitivos, mas não podemos afirmar que todas aquelas que viviam nesse local eram criminosos. O que ocorre, na verdade, é que o viajante, por desconhecer o local, tende a confiar nos depoimentos das pessoas da elite, portanto, a sua interpretação sobre a criminalidade tende a ser bastante parcial. Quando Saint-Hilaire se refere à má reputação da população, ele está se referindo à população urbana, aos moradores do arraial que, geralmente, eram pessoas mais pobres e não incluía as autoridades. E a elite que fornece os depoimentos aos viajantes, geralmente, são os proprietários de fazendas ou as autoridades e esses, em depoimentos dados aos viajantes, comumente colocavam os mais pobres como criminosos. Dá-se aí a construção da visão negativa sobre a população dos núcleos urbanos.

Pouco depois de se hospedar no arraial de Formiga, Saint-Hilaire em sua passagem por Araxá, apresenta, a partir da sua visão, a explicação para a questão da criminalidade nas regiões do sertão, vejamos:

Em breve fiquei sabendo que aquele longínquo recanto se tinha transformado em asilo para pessoas que, tendo cometido algum crime ou devendo dinheiro à coroa, tinham fugido de minas. Para retemperar semelhante população era

preciso que se dispusesse de meios para instruí-las e encaminhá-la para o trabalho. De onde, porém, iriam esses habitantes do sertão receber lições de moral e religião, ou mesmo instrução mais elementar? E por que iriam eles trabalhar, quando suas necessidades, ainda que mínimas podiam ser satisfeitas? Nessas regiões o isolamento liquida com a emulação, e o calor do clima convida à ociosidade. A inteligência deixa de funcionar, a cabeça não raciocina mais, e todos mergulham na mais lamentável apatia. Um grande número de homens vadios percorre a região de Araxá roubando animais nas fazendas e intranquilizando seus proprietários. Naqueles sertões os homens vivem isolados uns dos outros, ignoram a vida comunitária e conhecem apenas a família. Já os vadios desconhecem tanto uma quanto a outra. Podem ser comparados com as plantas parasitas cujas raízes, sem entrar em contato com o solo, sugam a seiva dos vegetais úteis e só produzem maus frutos (SAINT-HILAIRE, 1975, p.118).

No relato acima o autor mostra, de maneira bastante nítida, o seu ponto de vista sobre a população do interior do Brasil. Para Saint-Hilaire, o clima quente da região leva à ociosidade e essa à criminalidade, pois a maioria da população dessa localidade, para o autor, era formada de pessoas de má índole que desconhecem o valor de família e da coletividade. Portanto, questões como criminalidade e trabalho não podem ser desvinculadas.

Gardner mesmo, tendo transitado pelo sertão brasileiro praticamente vinte anos depois de Pohl e Saint-Hilaire, expressa o mesmo ponto de vista. Ele também apresenta a ociosidade como a maior culpada de criminalidade. Em sua passagem pelo arraial de São Domingos, quase na fronteira de Goiás com Minas Gerais, Gardner teceu o seguinte comentário a respeito da população e a sua relação com o trabalho:

Aqui ficamos por dois dias esforçando-nos para contratar outro homem que nos ajudasse com o trato da tropa; mas tive grande dificuldade para encontrar um, embora houvesse muitos homens ociosos, sem disposição de trabalhar para ganhar a vida. É comum dizer aqui que, para cada dez que trabalham, há noventa que nada fazem e sustentam sua existência mísera caçando e roubando seus semelhantes mais industriais (GARDNER, 1975, p. 175).

Seriam então os crimes fruto exclusivamente de ociosidade? Com certeza não. Primeiramente, assim como já foi discutido anteriormente, a questão da ociosidade é bastante relativa. O que o naturalista considera como ócio, poderíamos interpretar como uma opção pelo trabalho sem patrão, devido às condições econômicas enfrentadas por regiões como Goiás no início do século XIX. Mas, sem dúvida, a questão do grande número de crimes nos arraiais do interior do Brasil era uma realidade e isso foi bastante ressaltado pelos naturalistas. Sobre essa questão, devemos levar em consideração que, na sociedade escravista do século XIX, havia um grande número de homens livres sem ocupação definida e, mesmo que esses

buscassem alguma forma de trabalho, não encontrariam devido à grande quantidade de escravos (BARREIRO, 2002). Essa seria uma análise da historiografia atual que não foi percebida pelos naturalistas.

A interpretação corrente entre os estudiosos é a de que aqueles homens foram marginalizados pela sociedade escravista brasileira, que lhes teria retirado a possibilidade de participar das ocupações disponíveis ao longo dos quatro séculos de vida colonial e imperial. Assim, ainda que dispostos a integrarem o mercado de trabalho, disto teriam sido impedidos, porque a organização econômica da sociedade teria deles retirado as oportunidades para a realização de tal mister. Sem possibilidade de integrar-se ao mercado de trabalho e interiorizando linearmente a condição de excluído, a esse segmento de estratificação social não teria restado se não o caminho do crime (BARREIRO, 2002, p.21).

A partir do trecho acima, podemos compreender melhor a situação em que se encontravam os homens livres do Brasil escravista e analisar de maneira mais cuidadosa a questão da criminalidade em Goiás, no início do século XIX. Assim, o crime não era simplesmente fruto da ociosidade, como defendiam os naturalistas, mas sim uma forma de ocupação para um grupo social marginalizado, que eram os homens livres que viviam nos arraiais. Aqui se apresenta mais uma contradição entre aquilo que ocorria na realidade e o que foi apresentado pelos naturalistas em seus diários.

Outro ponto a ser discutido é a questão da convivência da população mais pobre em relação aos crimes praticados. Havia contribuição, por parte de alguns comerciantes e de proprietários de terras, na interceptação dos objetos oriundos dos furtos praticados, além do pequeno interesse das autoridades em punir esse tipo de prática (BARREIRO, 2002). Isso contribuía para que a criminalidade ocorresse, deixando os naturalistas revoltados com esse tipo de situação. Saint-Hilaire registrou em seu diário que ao se hospedar em uma pensão em São João Del Rey, um italiano que se hospedara no mesmo local teria sido roubado e mais tarde descobriram que ferreiros da região fabricavam várias chaves dos quartos da pensão e um escravo do próprio dono do local fazia os furtos, com a total convivência do seu senhor com quem dividia o fruto do roubo e, mesmo com o conhecimento das autoridades, nenhuma medida era tomada (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 125). Portanto, havia uma espécie de aliança entre as pessoas mais pobres desses arraiais no sentido de favorecer os crimes contra os mais ricos e os viajantes que passassem pelo local.

Enfim, os naturalistas que percorreram a capitania de Goiás foram de extrema importância para os primeiros passos da História dessa região. Eles, que não tinham

como objetivo principal levantar dados sobre a economia, comércio, trabalho ou criminalidade, acabaram por registrar muitas informações que hoje são utilizadas em estudos de diversas áreas. Sempre partindo do ponto de vista europeu e buscando atingir o europeu médio que tivesse interesse em conhecer ou investir em uma terra de incalculáveis riquezas naturais, onde o capitalismo ainda se encontrava em fase de desenvolvimento e aberto às mentes empreendedoras. Entre todos esses naturalistas, Pohl exerceu um papel especial, como médico, que visitava as casas e se aproximava mais do nativo, e isso possibilitou a esse viajante uma visão um pouco menos preconceituosa e mais abrangente sobre a economia local e as relações de trabalho livre. Logicamente devemos estudar as obras desses autores com olhar crítico e entender que a visão do naturalista é a visão do naturalista (MOREYRA, 1987/1988), portanto sempre parcial e carregada de juízos de valores, mas, sem dúvida, uma rica fonte para o estudioso sedento por respostas.

2 POHL E A IDEIA SANITÁRIA

Em meio à pobreza do sertão de Goiás, cientistas europeus se interessaram em estudar e conhecer não só os aspectos naturais, mas a vida social, o comportamento, a economia, a história e produziram relatos que, durante muitos anos, serviram como base de estudo sobre o interior do Brasil. Estes importantes narradores de um século de tamanha carestia para regiões como Minas Gerais e Goiás, chegaram a estes locais em consequência de uma série de transformações que estavam ocorrendo no contexto europeu, como a ascensão de Napoleão Bonaparte ao poder na França e a imposição de seu “Bloqueio Continental”, que levou à chegada da corte portuguesa ao Brasil em 1808 (ASSIS, 2005). Nesse contexto, foi promovida a abertura dos portos brasileiros às nações estrangeiras amigas de Portugal. A partir de então, o Brasil passou a ser percorrido por diversas expedições europeias, cujo objetivo era a pesquisa científica, já que este tipo de conhecimento estava sendo bastante valorizado. Ao mesmo tempo, a literatura de viagem se mostrava bastante consumida pelos mercados da Europa, portanto, havia a necessidade de se produzir relatos confiáveis que pudessem atrair os olhares estrangeiros para uma colônia recém liberta e de muitos potenciais econômicos como o Brasil das primeiras décadas do século dezanove (MOREIRA LEITE, 1997).

Devido ao casamento do príncipe Pedro com a arquiduquesa Maria Leopoldina da Áustria em novembro de 1817, chegou ao Brasil um grupo de estudiosos de várias áreas da ciência, com o objetivo de conhecer o país onde se estabeleceriam uma importante aliança, pois um casamento como este representava não só uma união matrimonial, como também um acordo de grandes proporções. A vinda desses estudiosos ficou conhecida como missão austríaca e foi a oportunidade que teve Pohl de conhecer e escrever sobre o Brasil (BARREIRO, 2002). Em seu diário, este autor deixa claro, em vários momentos, que o seu interesse era conhecer o interior, o sertão e, para essa missão particular, não pouparia esforços.

Pohl era médico e mineralogista e o seu objetivo era escrever sobre as riquezas naturais do interior do Brasil, o que foi feito de maneira muito competente. Por outro lado, não deixou também de relatar as condições de saúde da população, mostrando uma grande preocupação com o assunto. Além dessas descrições, muitas críticas foram levantadas sobre o descaso do governo em relação à população do sertão. Devido à profissão desse viajante, muitas pessoas o procuravam em busca de

atendimento, possibilitado uma maior proximidade com a população sertaneja quando comparado a outros naturalistas que passaram pela região na primeira metade no mesmo período.

Daí a importância de se fazer um levantamento sobre a passagem de John Emmanuel Pohl pela capitania de Goiás, entre 1918 e 1919, a partir de seu diário de viagem, que foi publicado após o seu retorno à Europa. Esse levantamento tem como foco principal a questão da ideia sanitária e as descrições feitas sobre as condições de saúde da população do interior do Brasil, principalmente a população de Goiás. O objetivo desse segundo capítulo do trabalho é ajudar o leitor a construir um panorama geral sobre a passagem desse viajante pelo sertão do Brasil, sob o ponto de vista de um médico que se mostra nitidamente envolvido com as dificuldades enfrentadas pela população, principalmente no que diz respeito às questões de saúde coletiva.

O objetivo maior desse tópico é compreender como um viajante europeu, enxerga e constrói suas representações sobre o sertão brasileiro e, conseqüentemente, sobre a população desse local. Dessa forma, a pesquisa baseia-se no estudo de um diário de Pohl em que se encontra essa representação e que se transforma na obra “Viagem ao interior do Brasil”.

O espaço urbano e seus problemas sempre tiveram bastante importância nos relatos dos viajantes que passaram por Goiás na primeira metade do século XIX (BARREIRO, 2002) e as representações construídas sobre ele orientaram-se na visão da questão urbana europeia e na ideia sanitária. Esses pensamentos foram importantíssimos na formulação dos relatos, pois seus autores eram europeus e estavam sempre preocupados com os problemas que ocorriam no meio urbano. Assim, ao analisarem a realidade das cidades encontradas no sertão Brasileiro, usam, como já foi afirmado no capítulo anterior deste trabalho, a Europa como ponto de referência. Dessa forma, é fundamental mostrar um pouco sobre o imaginário da questão urbana europeia.

No final do século XVIII, várias transformações ocorreram na estrutura da sociedade urbana europeia, obrigando as autoridades a interferirem diretamente na vida das pessoas comuns de classes mais pobres (BARREIRO, 2002). Essas transformações provocavam constantes preocupações nas autoridades e nos meios médicos. Muitos desses profissionais eram ligados a meios literários e jornalísticos e produziram relatos que influenciavam diretamente os governos e a sociedade; portanto, progressivamente foi sendo instituída uma nova definição de espaço urbano,

com base nos problemas levantados em torno da dessa questão. Saneamento, limpeza de locais públicos, saúde coletiva eram os principais pontos da ideia sanitária. Barreiro (2002) reforça bastante essa ideia:

A ideia sanitária surge nesse mesmo período, acoplada à questão urbana, procurando definir uma sociedade sã (a partir do sentido físico e moral) que implicava não só uma sociedade sem doenças, mas também sem crimes revoltas ou rebeliões. [...] Ao mesmo tempo, emergia, desde a segunda metade do século XVIII, na Europa, um conjunto de representações envolvendo a percepção social a partir dos órgãos dos sentidos e do refinamento das práticas sociais (BARREIRO, 2002 p. 69).

Diante disso, a descrição feita por Pohl estará influenciada por esse conceito, pesando sobre o seu trabalho os pressupostos europeus construídos em torno da questão urbana e da ideia sanitária.

2.1 Descrições de Johan Emmanuel Pohl sobre a questão sanitária do sertão Brasileiro

Os caminhos tenebrosos e chuvosos do sertão brasileiro certamente marcaram para sempre a vida dos viajantes europeus que por eles passaram e, para Pohl, que esteve entre 1817 e 1821 no Brasil, não foi diferente. Seus relatos, num primeiro momento, podem parecer mera descrição, mas, em uma análise mais minuciosa, consegue-se, sem dúvida, perceber a dedicação e o envolvimento emocional deste viajante com o seu trabalho.

O principal objetivo deste capítulo é fazer um levantamento dos caminhos percorridos por Pohl durante a sua passagem pelo Brasil, buscando, conseqüentemente, analisar os relatos deixados por ele em seu diário de viagem a respeito das cidades por onde passou e os locais de hospedagem. Estas passagens permitirão compreender, acima de tudo, o imaginário de um estudioso europeu das ciências naturais a respeito do Urbano e, como ele, confrontado com uma realidade tão diferente, pode de alguma maneira influenciar na construção de uma rica representação de um Brasil recém-aberto aos olhares europeus. Não faltaram elogios e críticas nas palavras escritas por Pohl. Com seu olhar de médico, em vários momentos fica transparente sua admiração e seu espanto com as maravilhas e injustiças aqui encontradas, mas não faltaram, em nenhum momento, a generosidade cristã e o sentimento de superioridade em relação às populações urbanas brasileiras

(POHL, 1976). Portanto busca-se aqui pautar a análise a partir da questão da saúde da população urbana e como ela se fez presente nos relatos do viajante.

Dentre outras ciências, Pohl era um estudioso da medicina e suas impressões a respeito do meio urbano não podem, de maneira alguma, estar desassociadas da questão da saúde pública, dando ao viajante um caminho para compreensão de locais considerados tão primitivos por ele.

Será feito um recorte geográfico dos relatos de Pohl, no ponto central do levantamento figura sua passagem pela capitania de Goiás, mas antes, será mostrada a estada do viajante no Rio de Janeiro e nas cidades percorridas por ele, até a chegada a Goiás. É importante ressaltar que a realidade da sociedade urbana brasileira era bastante diferente da europeia, e, aquilo que for considerado como urbano estará distante da ideia construída sobre as cidades industriais surgidas na Inglaterra ou na França do início do século XIX. Neste período, o Brasil estava deixando a sua condição de colônia (Juridicamente Reino Unido de Portugal e Algarves) e estruturando-se como uma promissora nação sul americana de caráter agroexportador (PALACIN, 1986); portanto, pequenos povoados com poucas e humildes residências eram considerados pela população local e pelo próprio viajante como uma cidade, passível, dessa forma, de problemas relacionados à ideia sanitária.

2.2 Descrições sobre a cidade do Rio de Janeiro

Se algum ponto do Novo Mundo merece, por sua situação e condições naturais tornar-se um teatro de grandes acontecimentos, um foco de civilização e cultura, um empório do comércio mundial, é, ao meu ver, o Rio de Janeiro. Não posso, aqui, reprimir esta observação. De bom grado a fantasia paira sobre o futuro de tão sedutor país, que tem um presente tão pouco desenvolvido, e por assim dizer, não tem passado (POHL, 1976, p.38).

Pohl desembarcou no Rio de Janeiro no dia 7 de novembro de 1817 e, sem dúvida, ficou muito admirado com o que viu, pois fez um relato bastante detalhado desta cidade, dedicando várias páginas de seu diário para descrever a capital da colônia. A primeira impressão deixada por ele em seu diário foi bastante positiva, mas à medida que sua estada foi se prolongando, seu olhar foi ficando mais crítico e os problemas da cidade mais nítidos. Mas a viagem só estava começando.

Depois de permanecer na capital durante alguns dias, Pohl, naturalmente, começou a descrever as condições de saúde da população local, pautado na referência de saúde que, como médico, trouxera da Europa.

O calor, embora seja amenizado aqui pelos aguaceiros e pelos ventos, gera, entretanto, os mais variados estados Mórvidos no corpo humano, como, por exemplo, frequentes dores de cabeça, inflamações no cérebro, nos ouvidos, no fígado, e insolação. Além disso predominam as seguintes doenças: febre, reumatismo, cólicas, diarreia, desinteira, prisão de ventre, hemorroidas, exantemas, especialmente os ataques do fígado. Próprio das terras quentes, que surgem com violência ao começar o tempo úmido. As febres nervosas são raras; a mais comum é a febre tifoide. Até agora nenhum vestígio foi descoberto da tão temida febre amarela. Um dos males mais difundidos é a sífilis. Graças ao clima ela não causa destruições tão terríveis quanto na Europa; entretanto, as suas consequências acarretam em uma vida doentia, enfermiza (POHL, 1976, p.42).

Como se pode notar, o olhar de médico do viajante não deixou escapar as impressões sobre as condições de saúde da população local e nas suas anotações esta prática será bastante comum. Em seus escritos, a importância dada à qualidade de vida e às doenças que mais atacam a população será sempre relevante. Mas o trecho destacado acima mostra uma visão mais técnica e menos humana, o que não acontecerá comumente, pois este viajante, ao adentrar no sertão e conhecer a situação da população sofrida desse local, com certeza se deixará levar pelo lado mais humano do que o técnico. Na continuação da passagem acima, Pohl apresenta uma conotação mais social na descrição, deixando até mesmo transparecer um olhar de preconceito sobre a situação:

Afirma-se geralmente no Brasil que o coito com os índios primitivos produz infalivelmente essa doença (sífilis*). Assegura-se que seja causada pelo consumo do mel excitante produzido pelas abelhas indígenas. Sua generalização pode ser atribuída, normalmente as classes baixas, ao coito com as negras e mulatas. E nítida a influência deste mal sobre o crescimento e a constituição da população. Uma doença inteiramente peculiar dos naturais, bem como, dos estrangeiros, é uma espécie de hidrocele, que se origina do afrouxamento do saco escrotal, que às vezes se dilata enormemente (até os joelhos), tornando-se então incurável. O emprego, a tempo, de compressas de salitre com amoníaco impede o agravamento e evita a recaída. Entre os negros ocorre com frequência a elefantíase e o tétano. As bexigas causam enormes danos, e no interior do país, têm ceifado tribos inteiras. A vacinação faz apenas lentíssimos progressos. Funestos preconceitos a ela se opõem (POHL, 1976, p.42).

Para se compreender melhor a passagem acima, deve-se levar em consideração os conhecimentos da medicina no início do século dezenove que

naturalmente levaram o autor a tirar uma série de conclusões precipitadas a respeito de algumas doenças. A partir de então, chamo a atenção ao caráter social destes relatos. Em primeiro lugar, Pohl não esteve preocupado em escrever sobre uma ou outra classe social, pelo contrário, buscou dar atenção a todas elas, principalmente às subalternas, como os negros e os índios. Mesmo que de maneira preconceituosa, as doenças dos esquecidos pela sociedade ganharam lugar de destaque em seus relatos.

2.3 Viagem do Rio de Janeiro até Goiás

Em junho de 1818, Pohl começa a preparação para sua expedição até a capitania de Goiás, depois de ter viajado até Angra dos Reis e percorrido os arredores do Rio de Janeiro, buscando acostumar-se ao clima e às peculiaridades do Brasil. Ele recebeu apoio de importantes autoridades como o Ministro dos Negócios Interiores e Exteriores, na ocasião, Tomás Antônio de Vila Nova e Portugal (POHL, 1976), mas foi advertido em alguns pontos, como o de não percorrer a região do Distrito Diamantino.

Todas as autoridades haviam recebido instruções para prestar-nos assistência. Além disso havia carta de recomendação aos governadores autorizando a fazer-nos adiantamentos em dinheiro. Mas o Capitão-Geral de Minas Gerais teve expressa proibição de nos deixar entrar no distrito diamantino. Esta cláusula teve por motivo a declaração de uma pessoa pertencente a uma legação estrangeira que, desejando visitar Minas Gerais, dissera em algumas reuniões, por brincadeira, que não retornaria sem um saco cheio de diamantes (POHL, 1976, p.73).

Portanto, Pohl teve a autorização para viajar pelo interior do Brasil, passando pela “rica” região das minas, devendo então respeitar algumas exigências. Era também interesse do estado que um cientista como Pohl realizasse a sua expedição, mas as maiores riquezas da mineração brasileira, os diamantes, deveriam permanecer escondidos dos olhares estrangeiros (Palacin 1986). O tratamento dado pelas autoridades regionais ao viajante foi o melhor possível, mas as dificuldades por que ele passou foram imensas, causadas principalmente pelas chuvas e as péssimas condições das estradas, sem contar a falta de mão-de-obra competente para dar o necessário apoio à sua expedição. A comitiva partiu no dia 08 de setembro de 1818.

Por todas as localidades urbanas em que passou, Pohl se preocupou em registrar, até mesmo as mais insignificantes, tentando claramente construir um

verdadeiro diário de viagem. A questão da pobreza desses locais sempre esteve presente em seus relatos e certas contradições o deixavam surpreso. Ao passar por um arraial no interior do Rio de Janeiro por nome de Farinha, ele assim registrou:

Farinha é uma aldeia de negros com 15 cafuas de madeira sem janelas, que só recebem luz pelas portas. Em face desse aspecto, fiquei duplamente surpreendido ao conseguir como refeição uma galinha com arroz; além disso, trouxeram-me até um talher de prata, o que ainda me admirou, pois aqui quase todos os viajantes trazem uma faca de ponta enfiada na bota. Depois vi talheres de prata em quase todas as cabanas. Entre os abastados encontra-se variada baixela de prata; desse metal são os seus estribos, esporas e cabo do rebenque; e não é raro que alguns levem, quando viajam, copos de prata pendurados de uma correia no ombro dos seus escravos, exibindo-os desse modo (POHL, 1976, p.78).

Depois de passar pela cidade de Barbacena, já na capitania de Minas Gerais, e de se surpreender com a quantidade de ouro encontrada na região, Pohl, no dia 15 de outubro de 1818, chega a São João Del Rei, capital da capitania. Nesse local a sua maior preocupação foi descrever a circulação econômica provocada pela mineração, mas não deixou de relatar a sua impressão sobre as condições do hospital local. “O hospital público merece elogios. Tem o nome de casa de misericórdia” (POHL, 1976, p.87). Levando em consideração que ele estava no local mais desenvolvido da capitania de Minas Gerais, é fácil entender o motivo de sua admiração, mas a realidade da saúde pública das cidades do sertão era totalmente diferente.

A estada do viajante em São João Del Rei não durou muito tempo e, no dia 21 de outubro, ele deixou a capital da capitania em direção à cidade de Paracatu do Príncipe, onde chegou no dia 25 de novembro. Durante a sua viagem entre essas duas importantes cidades da capitania de Minas Gerais, o viajante passou por várias dificuldades em relação às condições climáticas, à falta de mão de obra para o necessário apoio à expedição, além de problemas como falta de lugares adequados para o descanso da comitiva, tentativas de furto, mas, mesmo assim, ele não desistiu de chegar ao seu destino, pois esses percalços já eram previstos. Em determinada ocasião, nos dias 21 e 23 de novembro, Pohl dedicou-se a atender a população carente, que muito precisava de cuidados médicos, mostrando que o compromisso com a medicina estava presente e ajudando na construção de uma ideia sobre as condições de saúde da população local. Sobre isso, Pohl escreveu:

Dois dias atrás eu havia deixado alguns baús no caminho para viajar com mais desembaraço. [...] Aproveitei esse intervalo de tempo para ordenar minhas plantas e para prestar assistência médica a todos os habitantes das seis cabanas do lugar, dividindo com eles a minha pequena provisão de medicamentos (POHL, 1976, p.99).

Portanto, é possível perceber a precariedade das condições de saúde da população sertaneja que, ao saber da presença de um médico estrangeiro, logo tratou de tomá-lo para consultas; já o médico, observando a carência de medicamentos no local, viu-se obrigado a dividir o seu pequeno estoque. Ao chegar em Paracatu do Príncipe, cidade onde permaneceu por nove dias, Pohl faz uma de suas maiores denúncias sobre as condições de saúde da população local. O autor, ao descrever as características gerais desse pequeno aglomerado de setecentas casas, deixa transparecer o seu espanto e até mesmo indignação:

Quanto à assistência médica, os habitantes desta cidade são dignos de dó. Não possuem médico, nem farmácia. Os comerciantes vendem a alto preço remédios simples, estragados, de Jalapa, Ipecacuanha, Ruibarbo, quina de má qualidade, Ópio, Cânfora, mercuriais e outros. Quem tem a infelicidade de adoecer não pode, contar com uma possível assistência. Os remédios domésticos são tomados em tal qualidade, que só podem apressar a morte (POHL, 1976, p.102).

As considerações feitas pelo autor sem dúvida são bastante pertinentes, mas é importante lembrar que elas estão amparadas em uma ideia sanitária europeia e a realidade do sertão brasileiro levava a uma situação de precariedade. O Brasil era uma nação recém-formada e, nesse período, possuía duas faculdades de medicina: uma no Rio de Janeiro e outra na Bahia, portanto, além de existirem poucos profissionais, os que se formavam médicos preferiam permanecer nas maiores cidades, que conseqüentemente estavam em regiões litorâneas. Dessa forma, era natural a falta de profissionais da saúde no interior do Brasil.

A questão da falta de remédios, fato que incomodou bastante o viajante desde antes da sua chegada em Paracatu, estava relacionada ao alto preço cobrado pelos comerciantes e ao baixo poder aquisitivo das pessoas do local; por outro lado, o alto preço dos remédios se dava devido ao alto custo do transporte dos medicamentos do litoral até as regiões inóspitas: as estradas eram péssimas, existiam poucas e mal conservadas pontes, o que muito encarecia o custo logístico para os comerciantes. Além do mais, esses remédios eram em sua maioria importados da Europa, o que justificava ainda mais o seu preço exorbitante. Não era o comerciante local que

explorava a população com uma grande margem de lucro sobre o remédio, mas sim, as condições do sertão brasileiro desse período que tanto encareciam o custo de produtos farmacêuticos. Isso explica o interesse da população pela medicina popular, de cuja eficácia Pohl duvidava (POHL, 1976).

2.4 Pohl chega à capitania de Goiás

A chegada de Pohl à capitania de Goiás aconteceu por volta do dia 20 de dezembro do ano de 1818. Ele atravessou a Serra dos Cristais e a primeira cidade encontrada foi Santa Luzia, um pequeno reduto urbano do sudeste goiano que, no século dezoito, teria se configurado como uma das principais cidades do período da mineração. Nesse local, o viajante foi muito bem recebido, transformando sua estada em uma das mais agradáveis relatadas em sua obra, contribuindo para que fosse feito um minucioso levantamento sobre a população, os costumes, a religiosidade, a economia e a saúde coletiva. A sua estada em Santa Luzia ocorreu entre os dias 23 de dezembro de 1818 ao dia 04 de janeiro de 1819, nessa cidade Pohl pôde acompanhar os festejos de Natal, fato que muito o agradou, pois pôde conhecer bem mais sobre a curiosa população do interior do Brasil, uma oportunidade para poucos estrangeiros até aquela época.

Em relação à questão da saúde coletiva da população, ficou explícita a questão do atraso daquela região em relação à Europa e às cidades do litoral brasileiro. A falta de médicos e remédios obrigava as pessoas a recorrerem aos remédios naturais, de cuja eficiência, como já disse, Pohl nitidamente duvidava:

Não se tem notícia aqui de doenças malignas, febre pútrida e outras. Com o grana se prepara uma bebida apreciada pelos habitantes que serve de remédio para diversos males. Uma sólida massa negra que os da província do Pará preparam de diversas plantas (especialmente a Paulínia Sorbillis segundo Martius) em pedaços cilíndricos de 2,5 centímetros de diâmetro. Rala-se e deita-se uma pitada do pó em um copo de água com açúcar obtendo uma bebida refrescante que sabe a ipecacuanha e que bastaria para mitigar a fome por 24 horas, conforme dizem (POHL, 1976, p. 113).

Esta receita, baseada no conhecimento popular, foi ensinada ao viajante devido à sua necessidade de permanecer por muito tempo no sertão em locais inóspitos, onde a fome constantemente se fazia presente, mas em nenhum momento Pohl afirmou ter feito uso da receita. Além desses relatos, o autor não fez grandes

anotações sobre as questões de saúde da região, mas Santa Luzia era apenas a primeira cidade da capitania de Goiás e sua viagem rumo à capital estava apenas começando.

No dia dez de janeiro de 1819, Pohl chega à cidade de Meia Ponte, a segunda maior da capitania de Goiás nesse período, com aproximadamente 6000 habitantes e que, por estar localizada em uma região estratégica, ponto de encontro de estradas com destino a Goiás, Mato Grosso, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, havia se transformado em um importante ponto comercial de região central do Brasil. Não foram feitas importantes anotações sobre questões relacionadas à ideia sanitária, apenas algumas linhas dedicadas a descrever a existência de um hospício com o nome de Franciscanos do Santo Sepulcro de Jerusalém, que vivia da caridade da população local (POHL, 1976).

Continuando sua viagem no dia 14 de Janeiro, a comitiva deixou a Meia Ponte com destino a Jaraguá, principal cidade intermediária para se chegar à capital. Mesmo sendo bem recebido, Pohl ficou bastante incomodado com a qualidade da água consumida pela população local, o que acabou por explicar a grande quantidade de pessoas acometidas pelo Bócio.

A água do riacho a oeste da localidade é de cor avermelhada, suja e impotável; e a outra, um pouco melhor, que brota de uma fonte na serra a uma légua de distância, é com razão considerada como a causa do bócio que frequentemente acomete os habitantes (POHL, 1976, p.118).

Pode-se, portanto, comprovar que a ideia sanitária se faz presente em vários trechos dos relatos feitos pelo viajante, nos quais não só as riquezas minerais, características sociais ou a economia local tinham espaço. Esta questão será mais nítida com a chegada do viajante à cidade de Goiás, capital da capitania.

Antes de destacar os escritos deixados por Pohl em relação às condições de saúde da população da capitania de Goiás, é importante ressaltar que, em 1819, ano em que o viajante passou pela região, essa capitania vivia um verdadeiro clima de marasmo e abandono devido à nítida diminuição da produção aurífera (ASSIS, 2005). A população havia diminuído bastante (de acordo com o próprio Pohl era de cerca de 51000 habitantes entre escravos, índios e livres) e a circulação de riquezas através do comércio também havia sofrido uma forte queda. Portanto, a situação em que a região encontrava-se não era das melhores, em outras palavras, a pobreza era muita e as pessoas que poderiam pagar por um médico ou comprar seus remédios em

farmácias eram poucas. Além disso, o posicionamento geográfico de Goiás desfavorecia o desenvolvimento econômico da região (PALACIN, 1994). A distância em relação às maiores cidades do litoral, a dificuldade de locomoção devido à falta de estradas eram os maiores obstáculos no processo de interligação de Goiás com os mercados litorâneos (ASSIS, 2005). Em resumo, a capitania de Goiás estava isolada em vários aspectos, levando a realidade da saúde pública a uma situação de calamidade total.

Duas observações se fazem aqui pertinentes: em primeiro lugar, nem mesmo no auge da produção aurífera entre 1740 e 1760 Goiás chegou e ter uma situação satisfatória em relação à qualidade de vida da população, devido ao seu posicionamento geográfico. Em segundo, o Brasil não tinha, nesse período, um sistema de políticas públicas voltado para a saúde coletiva, o que transformava a realidade goiana em regra geral para o interior do país.

2.5 Descrições sobre a Capital

No dia 23 de Janeiro, Pohl chega à cidade de Vila Boa, capital da capitania de Goiás. Mesmo não podendo hospedar-se na residência oficial do governador, Palácio Conde dos Arcos, o viajante ficou muito satisfeito em poder realizar suas refeições naquele local, fato que propiciou a proximidade com o governador daquela ocasião, Fernando Delgado Freire de Castilho. O fato de o viajante realizar suas refeições com o governador foi muito importante, pois proporcionou-lhe um conhecimento mais aprofundado sobre a realidade local, influenciando diretamente na narrativa do autor.

A passagem do viajante pela capital durou vários dias, o que rendeu para seu diário um capítulo inteiro somente sobre Vila Boa. Primeiramente, o cronista preocupou-se com a descrição do clima da região, o que ele considerava fundamental para se compreender as condições de saúde da população local. Em seguida, o autor descreve as características geográficas e naturais da região, passando então para a descrição dos fatores sociais. É nesse momento que a ideia sanitária ganha espaço. Ao descrever as precárias condições de sobrevivência dos escravos da capitania, Pohl mostra sua preocupação com a saúde do negro: *“As doenças, especialmente nas insalubres regiões do norte, ceifavam os escravos que, por falta de assistência e medicamentos, ficavam inteiramente entregues ao seu destino”* (POHL, 1976, p.123). Para o autor, as péssimas condições de sobrevivência dos negros na capitania de

Goiás contribuíram para a queda da produção aurífera, pois onerava a produção, desestimulando o minerador. A nítida preocupação em se entender as condições da saúde da população livre ou escrava mostra como o autor estrutura sua representação de uma determinada região. Como a estadia de Pohl na capital foi um pouco longa, ele se preocupou em fazer uma descrição mais detalhada sobre as condições de saúde da população, buscando, através de seus conhecimentos médicos, estabelecer diagnósticos, levando o leitor a entender as principais doenças que afetavam a população interiorana do Brasil. Era como se ele quisesse avisar aos estrangeiros desinformados sobre os perigos que assolam a população:

Apesar disso, o clima em Goiás é salubre, Especialmente na parte meridional. Ao norte, de Água Quente até a cercania de São João da Palma, é insalubre. Ali, durante a estação da seca, grassa a febre pútrida com tal furor que ceifa famílias inteiras. Poucos viajantes tem a felicidade de escapar aos ataques dessa doença. A causa principal do mal deve ser procurada na água estragada que os habitantes são obrigados a beber (POHL. 1976 p.124).

Esse trecho mostra que o viajante não desvincula as condições naturais e climáticas das causas das principais doenças e a sua maior preocupação é entender os motivos pelos quais a população tanto sofre desses males. Essa busca incessante pelo diagnóstico, para Leite (1996), pode ser encontrada nos relatos de outros viajantes.

O século XIX, na história da medicina foi um período de incentivo às pesquisas e de avanços científicos na identificação das doenças e determinação de suas causas, mas a prática era ainda muito lenta. Isso significa que nem sempre os diagnósticos feitos pelos viajantes ou por seus informantes permanecem e se confirmam, do ponto de vista epidemiológico (LEITE, 1996, p.163).

Pohl, como se vê, não foge a essa concepção ao analisar as condições de saúde da população da capital. Ele depara-se com uma situação bastante precária e, a partir de então, estabelece o seu diagnóstico:

Em Vila Boa observei muitos casos de papo. Vi indivíduos com o pescoço deformado por três bócios. os habitantes, sem exceção de cor, sofrem desse mal; e os próprios animais, por exemplo, cães e cabras, são acometidos. Atribui-se o efeito a água e indica-se uma única fonte da cidade como fazendo exceção à norma. Os estrangeiros também são atacados pelo mal, que via de regra lhes aparece dois meses após a sua chegada. Aliás os papos desaparecem se o indivíduo vive por algum tempo na praia e respira o ar marinho. Isso eu mesmo observei em meus criados. Durante a estação chuvosa, com a violenta evaporação do solo, dominam as apoplexias nervosas e diariamente se dão casos dessas mortes inesperadas. A pessoa

sai de casa com saúde e é trazida morta. Outras doenças mais comuns são a hidropisia, gota, ataques catarrais com inflamação, e, entre os negros a elefantíase. A sífilis é espalhada de maneira impressionante. A varíola é rara, mas quando aparece assola terrivelmente principalmente os índios.” (POHL, 1976, p.124).

O bócio, como se pode perceber, era a doença que mais preocupava os viajantes e, devido à falta de sal contendo iodo, as populações interioranas do Brasil eram bastante assoladas por esse mal. Pohl, com seu olhar de médico e motivado pela ideia sanitária, não deixa passar despercebida essa problemática comum do sertão brasileiro. Pode-se levantar um diálogo com Leite (1996), e compreender melhor essa questão.

Por exemplo, a papeira ou pescoço inchado era doença atribuída ao excesso de peso que alguns tipos de trabalho acarretavam. [...] Com o tempo determinou-se precisamente a carência de iodo como o principal agente detonador do hipertiroidismo. Esta constatação ilustra outra peculiaridade dos relatos: os escravos que moravam à beira mar não apresentavam esta deficiência, suprida pelo iodo marinho, ao contrário dos habitantes de regiões mais distantes – como o caso de Minas – que precisavam suprir essa carência através dos alimentos ricos em iodo (LEITE, 1996, p.163).

Acompanhando o relato de Pohl sobre a saúde dos habitantes de Vila Boa é possível notar a importância dada à medicina ocidental. Para ele, a falta de médicos competentes, com formação acadêmica, fez proliferar na região a prática da medicina por “curiosos”, além da busca por “crendices” populares para a cura de doenças. É certo que, quando ele chegou à capitania de Goiás, o contexto era de um considerável isolamento econômico e social, o que contribuía bastante para a precariedade da assistência médica. No trecho abaixo, pode-se entender melhor essa questão:

Em relação à assistência médica, os habitantes são dignos de dó. Vivem quase inteiramente sem medicamentos. Em toda capitania, mesmo na capital, faltam casas de saúde e os doentes são abandonados ao deus-dará. Excetuando-se o emprego de vomitórios e purgantes drásticos. Em grandes doses (o medicamento deve produzir quarenta ou cinquenta vazes o seu efeito), que são considerados também como constantes suadouros, e frequentes sangrias (oito ou dez por dia). Nenhum outro medicamento se emprega (POHL, 1976, p.124).

Outro símbolo das péssimas condições de saúde coletiva da população goiana é a falta de remédios. Não bastando a falta de hospitais, os medicamentos na capitania eram raridade e, quando existiam, eram aplicados de maneira errada. Esses remédios chegavam até Goiás principalmente através dos comerciantes, mas, com a

diminuição da extração aurífera, os tropeiros e mascates vindos do litoral não se interessam em viajar uma distância tão longa. Essa difícil situação não era realidade apenas da população mais pobre, na verdade os negros e índios sofriam ainda mais com a falta de assistência, como se pode comprovar, com a passagem abaixo:

Apegam-se muito, especialmente na escolha dos alimentos, às antiqüíssimas observações sobre a distinção entre eles se são por natureza frios, quentes ou secos. Aliás, há em Vila Boa um cirurgião-mor contratado, mas ele não concluiu sequer os primeiros estudos de cirurgia. Em várias localidades da capitania o tratamento é feito por práticos que compram o direito do medicar através do pagamento de uma taxa ao cirurgião-mor. Esses tais são aqui chamados de curiosos. Mesmo em Vila Boa não há farmácia bem organizada, apesar de existir um hospital militar, que deve despendêr considerável soma anual. Fora alguns remédios simples, que são adquiridos nas vendas, nenhuma assistência podem esperar os enfermos. Logo que alguém adocece, é habitual que lhe seja dada a extrema-unção. Durante a minha estada em Vila Boa fui assaltado por inúmeros doentes, a maioria padecedores de males crônicos, e tive de despedi-los em grande parte por falta de medicamentos (POHL, 1976, p.125).

Diante dessas colocações, fica nítida a preocupação do viajante com as condições de saúde da população comum, a realidade encontrada era de um completo abandono, principalmente das pessoas mais pobres. Deve-se levar em consideração que a situação na qual Goiás encontrava-se durante a passagem de Pohl, não era muito diferente de Minas Gerais e o mesmo abandono por parte das autoridades era um problema que poderia ser detectado em quase todo o Brasil, principalmente em regiões interioranas. Outro ponto importante do trecho destacado acima é a forma como o viajante se refere aos médicos práticos que, na ocasião eram chamados de “curiosos”. Esse tipo de atendimento era bastante comum em regiões em que faltavam médicos e o governo da capitania, para aumentar a arrecadação, vendia o direito de atendimento com o aval do cirurgião-mor, fato que provoca bastante indignação em Pohl, principalmente por ser ele um médico de sólida formação. Sobre esse tipo de observação Leite (1996) analisa:

A formação profissional do viajante influía nesse aspecto do relato, mais do que os outros. Os viajantes médicos, ou ligados às ciências biológicas, tinham maior curiosidade e, evidentemente, maior competência para fazer um diagnóstico do que um comerciante; mas não constitui regra geral. Esse último, porém, poderia, num dado momento, viver e/ou registrar um fato mais significativo do que um cientista, fazendo com que o seu relato assumisse uma importância maior. Acabei por me deter, de modo particular, nos depoimentos dos viajantes médicos já que, relatam seus contatos diretos com doentes por eles examinados. Aplicando os conhecimentos científicos que possuíam, os médicos então detectam o quadro clínico dos pacientes (LEITE, 1996, p.164)

Para um cientista das ciências biológicas não era fácil se deparar com tal situação de abandono e descaso, mesmo levando em consideração o marasmo econômico e o isolamento em que se encontrava a capitania de Goiás após o esgotamento das minas. Mas o objetivo maior de sua expedição patrocinada pelo governo austríaco era fazer o levantamento das características botânicas e minerais do Brasil. Devido a essa razão, não foi dedicado mais espaço no diário de Pohl para a questão da saúde coletiva da população vilaboense e, durante a sua primeira permanência na capital da capitania de Goiás, o viajante preocupou-se principalmente com a sua missão de descrever as características naturais da região.

2.6 As descrições sobre o norte da capitania

Do dia 23 de janeiro ao dia 02 de março de 1819, Pohl esteve de passagem pela cidade de Vila Boa, mas a sua trajetória não terminaria por aí. Ele deveria iniciar uma viagem pela parte norte da capitania que duraria nove meses. Nessa ocasião ele percorreu todas as cidades mais importantes, tendo como limite a de Porto Real, passando por vários arraiais e aldeias indígenas, o que lhe rendeu ótimos relatos e muitas dificuldades. A situação do norte goiano não era nem um pouco diferente em relação às questões de saúde coletiva. Nessa região faltavam médicos, remédios, não havia nenhum hospital e as condições alimentares eram péssimas.

Com a diminuição da atividade mineradora, a maioria da população do norte de Goiás passou a dedicar-se à agricultura de subsistência. Houve uma drástica redução das atividades comerciais, gerando uma realidade de pobreza e isolamento da região. Portanto, era de se esperar que as condições de saúde, tanto da população urbana quanto da rural, fossem extremamente precárias. Assim foram relatadas por Pohl as condições de saúde da população de Traíras e as dificuldades passadas por ele e os outros componentes da sua expedição:

Desta vez havia ademais impedimentos realmente incontornáveis que atrasaram a viagem. Manifestam-se agora em meus empregados as inevitáveis consequências de nossas peregrinações através de regiões e localidades onde eram tão comuns as doenças. Todos foram atacados de febre, cujos efeitos raramente resiste o viajante. E, nesta região de poucos habitantes, a preço algum é possível contratar outros criados. Tivemos que resignar-nos ao inevitável e eu mesmo assumi o tratamento médico dos enfermos (POHL, 1976, p.193).

O viajante permaneceu na cidade de Traíras do dia 30 de maio ao dia 02 de junho de 1819 e, como foi narrado no trecho acima, foram grandes as dificuldades geradas principalmente pelas doenças. Devido à pobreza da região, a maioria da população vivia em regiões extremamente ruralizadas e não havia pessoas que se dispusessem a trabalhar no auxílio da expedição, mesmo que elas fossem muito bem pagas. Provavelmente devido a esses transtornos, Pohl escreveu uma das mais ricas passagens em relação às condições de saúde da população desta região, que será de grande relevância para a compreensão da ideia sanitária.

A sífilis, que neste clima é naturalmente mais fácil de suportar e curar, é bastante frequente. Por desleixo ou tratamento mal feito. Ela degenera em diferentes males, evoluindo muitas vezes, para a elefantíase. Encontrei com frequência hidropisia e indisposições estomacais, mas não observei cretinismo. Por vezes, bem raramente, aparecem as chamadas febres malignas (ou sezões), intermitente, febre gástrica inflamatória, que muitas vezes encontrei nos distritos anteriormente percorridos. Durante a minha estada fui bastante importunado por doentes que, entre queixumes e lamentações pediam minha assistência. Ajudei-os evidentemente no que permitia minha provisão de medicamentos; depois, ainda receitei, mas, de limitar-me a remédios mais simples e mesmo estes muitas vezes não eram encontrados, sendo necessário mandar buscá-los em Vila Boa. Ademais, é crença geral entre os brasileiros que tem de obrigatoriamente curar-se, uma vez que tomam um remédio e só dificilmente são levados a repetir a dose. A esse respeito a ingenuidade deles atinge o absurdo. Por exemplo, veio verme uma doente, a quem dei uma receita. Voltou cinco dias depois e queixou-se que não tinha melhorado. Após informar-me devidamente, fiquei sabendo que ela nada havia tomado, nem sequer fora buscar a receita na casa do vigário (POHL, 1976, p.194/195).

Como se pode perceber nessa passagem, além da pobreza e da falta de assistência, um dos maiores males sofridos pela população é a falta de conhecimento. Essa população não tinha acesso à escola, já que não existia nenhuma no norte de Goiás nesse período (ASSIS, 2005). As doenças matavam, em muitos dos casos, devido primeiramente à ignorância da população que não sabia nem mesmo fazer o uso de um remédio. Sem dúvida que a própria presença de um médico nessa região era uma novidade para muitos. Outro ponto importante a ser ressaltado é que, para o viajante, essa “inocência” não era uma característica exclusiva da população de Goiás, e sim da população brasileira. É certo que o desconhecimento da ciência médica era comum em todo o Brasil, por isso era natural a ideia de que uma única dose de remédios poderia salvar um paciente.

Ainda durante a sua passagem pela cidade de Traíras, Pohl realizou importantes considerações a respeito da medicina popular, a qual ele considerava

ineficaz, mas, na maioria dos casos, era o único recurso ao alcance dessa população esquecida e assim foi registrado: “*Servem-se também de vários remédios caseiros – evidentemente sem resultado – pois, na sua ignorância, confundem as plantas. Com uma cebola por exemplo querem curar hidropisia*” (POHL, 1976, p.195).

Para o viajante, além da pouca eficácia dos remédios naturais, outro fator que levava ao insucesso da cura era o pouco conhecimento da população em relação às plantas e suas características medicinais. Pohl reconhece que a cura de alguns males até poderia ser encontrada nas plantas, desde que elas fossem bem utilizadas, fato que não ocorria com frequência de acordo com o seu ponto de vista.

Em suas andanças pelo norte de Goiás, Pohl, navegou pelo rio Maranhão e, nessa ocasião, esteve em contato com vários povos indígenas, dentre eles os Xavantes, cuja cultura o viajante preocupou-se em realizar um minucioso registro. Em relação às questões de saúde, assim ele registrou:

Todavia não lhes falta a chamada feitiçaria. Há uma fumaça para qual conduzem os enfermos por entre orações e fórmulas de encantamento. Então os parentes saltam em volta dos doentes uma dança selvagem e, com esse procedimento, os supersticiosos esperam confiantemente o restabelecimento do paciente (POHL, 1976, p.240).

Nessa passagem fica nítida a visão preconceituosa a respeito da população indígena e de sua cultura. Em nenhum momento, o autor considerou a crença dos Xavantes na cura espiritual; para ele, tudo não passava de superstições sem valor. Deve-se levar em consideração que os leitores europeus eram pessoas que tinham uma visão de mundo muito parecida com a de Pohl e que a representação do índio como um mero feiticeiro ajudaria ainda mais a propagar o pensamento eurocêntrico.

Frequentemente empregam contra as doenças, bênçãos e fórmulas de magia. Pouco depois de instalados na aldeia foram esses pobres índios atacados de terríveis bexigas. Centenas deles morreram e muitos ficaram desfigurados (POHL, 1976, p.252).

O trecho acima também diz respeito aos Xavantes da região do rio Maranhão e, novamente, suas crenças são mostradas como soluções ineficazes para as cura das doenças. Deve-se compreender que, para um estudioso formado nas academias europeias, seria bastante difícil acreditar na cura espiritual na qual os índios acreditavam e, sem dúvida, essas duas visões de mundo promoviam um duro confronto.

Ainda na região norte, na passagem de Pohl pelo o arraial do Carmo, além da precariedade do local, o autor registrou um curioso caso de manipulação da medicina por parte de pessoas oportunistas. Em uma região onde o esquecimento por parte das autoridades era extremo, os médicos práticos exploravam a ignorância da população e, mesmo quando os governantes tomavam alguma atitude, elas não conseguiam ter valor prático. Portanto:

Em vista dos numerosos assassinatos de que ouvi falar, parece que aqui a falta de ordem pública atingiu um grau muito alto e os maiores crimes parecem ficar impunes. Como exemplo, dois anos antes da minha chegada, mandara o rei para aqui um cirurgião-mor. Cumprindo com o seu dever, proibiu ele o exercício da medicina por alguns charlatões e, algum tempo depois, era assassinado a tiro por algum embuçado, em pleno dia, numa festa religiosa, ao lado do vigário. Decorrido mais tempo teve o mesmo fim o ferreiro local. Contudo, nenhuma providência foi tomada para prender ou perseguir os homicidas (POHL, 1976, p.266).

Em 6 de dezembro de 1819, Pohl retorna à capital da capitania, onde foi obrigado a esperar a passagem do tempo chuvoso para continuar a sua peregrinação até o Rio de Janeiro. No dia 15 de abril de 1820, o viajante deixou a cidade de Vila Boa em direção à capital do Brasil, terminando assim a sua saga pela capitania de Goiás.

2.7 A ideia sanitária a partir dos relatos de Saint-Hilaire e Gardner

As condições de saúde da população do sertão brasileiro não passaram despercebidas pelos outros naturalistas que percorreram a Capitania de Goiás no início do século XIX. Como foi mostrado no capítulo anterior, Saint-Hilaire e Gardner, assim como Pohl, eram naturalistas e estiveram no interior do Brasil comandando expedições científicas durante a primeira metade do século XIX, diante das quais realizaram várias anotações a respeito de diversos assuntos que iam bem além do objetivo principal de suas pesquisas como, por exemplo, questões relacionadas à saúde coletiva da população sertaneja.

Podemos relacionar a obra desses naturalistas com a de Pohl, não só porque eles passaram pela mesma região praticamente na mesma época, mas também por que, além disso, os três eram estrangeiros (europeus), naturalistas e estavam desejosos em conhecer não só as riquezas naturais do Brasil. Eles buscavam mais, queriam compreender a realidade brasileira da maneira mais aprofundada possível.

Sabemos que essa compreensão profunda da realidade desejada pelo viajante sempre será parcial, carregada de valores e preconceitos adquiridos anteriormente por ele, levando então à construção de um ponto de vista e não a uma verdade absoluta, e é isso que fica registrado nos diários dos naturalistas.

Os relatos de Pohl carregam um caráter especial, pois, com formação em medicina e se mostrando bastante disposto a atender a população mais carente, conseguiu, através da realização de consultas gratuitas a essa população, estabelecer uma aproximação maior com essa gente, diminuindo a distância imposta ao estrangeiro. Não podemos também achar que os relatos de Pohl não eram carregados de comentários preconceituosos e parciais, mas ele entendeu melhor a situação em que se encontrava a saúde coletiva do interior do Brasil. Além disso, de todos os naturalistas que passaram por Goiás no início do século XIX, ele foi o que mais dedicou partes do seu diário à descrição das questões relacionadas à ideia sanitária. Explica-se, então, o destaque dado a Pohl no transcorrer deste capítulo.

Começando por Saint-Hilaire, que viajou em direção à Capitania de Goiás entre 1819 e 1820, é importante que se destaquem alguns pontos em sua obra em relação à ideia sanitária. Primeiramente, como naturalista de formação, esse viajante não se preocupou tanto com questões relacionadas à saúde coletiva da população e, em sua narrativa, sempre tentava expor certo distanciamento desse assunto, mas a ideia sanitária estava presente e era impossível o autor se mostrar indiferente em relação a certos acontecimentos por ele presenciados. Em 1819, quando Saint-Hilaire estava vindo em direção à Capitania de Goiás, passando pela cidade de São João Del Rei, o autor fez as seguintes colocações em relação à hidropisia:

O sacerdote me garantiu que a Aristolóquia denominada Jarinha (*Aristolochia Macroura*, Gomes ex. Mart.) era um poderoso específico contra a hidropisia. Declarou-me também, como o haviam feito outras pessoas, que essa doença é das mais comuns do interior do Brasil. Na sua opinião, porém, nem sempre podia atribuir ao abuso da cachaça, pois conhecia muitas pessoas sóbrias que tinham morrido dessa doença. Provavelmente essas pessoas foram vítimas dessa moléstia devido ao enfraquecimento geral provocado pelo calor dos trópicos e a má alimentação (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 63).

O autor deixa claro que não era um grande entendedor de medicina, mas se mostra preocupado com o assunto, pois, além de essas doenças comuns do sertão brasileiro amedrontarem os membros da expedição científica, elas deixavam a população extremamente apreensiva e sempre as pessoas mais esclarecidas do local

pediam a opinião do viajante. Ele mesmo não era um grande conhecedor, mas muitos nativos não sabiam a diferença entre um naturalista e um médico. Outro ponto importante é que Saint-Hilaire se preocupava bastante com o estudo de plantas medicinais o que justifica o fato de que a maioria das referências que faz às questões de saúde coletiva estão relacionadas à medicina natural. Ele buscava conhecer o poder de cura das plantas em seus relatos, fica nítida a sua vontade de encontrar repostas para questões que em muitos casos fugiam ao caráter científico. Ainda em São João Del Rei, Saint-Hilaire narra a seguinte passagem:

Fui informado que havia nas províncias de Minas Gerais e São Paulo pessoas que se diziam possuidoras de um segredo para curar mordeduras de cobras venenosas. São os curandeiros. O pároco de S. João me disse que um dos escravos de seu pai pegava imponentemente com a mão qualquer cobra venenosa. Um dia ele prendeu o homem no garrote para forçá-lo a revelar o seu segredo. O escravo mostrou-lhe, então, uma planta, a que ele dava o nome de erva de urubu. Depois de esfregar a erva no corpo, agarrou a cobra com a mão, não lhe advindo disso nenhum mal. Quando isso aconteceu o padre ainda era muito moço e morava na província de São Paulo. Viajara muito, posteriormente, e quando o conheci já não se lembrava que tipo de planta era a tal erva-de-urubu. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 64)

Com base no fragmento acima, do diário de Saint-Hilaire, podemos estabelecer uma comparação com o pensamento de Pohl e a ideia sanitária analisada nos tópicos anteriores desse capítulo. Enquanto Pohl desconsidera a importância da medicina popular, Saint-Hilaire tenta investigar fatos e descobrir respostas, mostrando que acreditava ser possível, a partir de o conhecimento popular, começar uma descoberta científica. Considerando que Saint-Hilaire, além de naturalista era também um estudioso de botânica, podemos entender o seu interesse em relação ao conhecimento popular sobre as ervas medicinais; já Pohl, que não tinha essa mesma formação, sempre mostrava dúvida em relação à eficácia dos remédios naturais que a ele eram apresentados.

Um fato comum a esses viajantes foi o contato que tiveram com os chamados “curiosos”, que eram pessoas que recebiam essa denominação devido aos seus conhecimentos de medicina popular e que, na falta de médicos de formação no interior do Brasil, eram os que faziam as consultas e aconselhavam os tratamentos. Pohl, em seu diário, fez duras críticas a esses médicos práticos, mas Saint-Hilaire, devido a um fato ocorrido com um de seus ajudantes, foi obrigado a confiar nos conhecimentos desse tipo de profissional. Ocorreu que um de seus ajudantes, um francês que o

acompanhara desde o Rio de Janeiro, havia adoecido e não conseguia mais acompanhar a expedição; com isso, Saint-Hilaire, na falta de um médico de formação, foi obrigado a recorrer à ajuda do “curioso” que, com relativo sucesso, consegue atender às expectativas do viajante ganhando a sua confiança (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 67). Para esse autor, era sempre a falta do médico que dava espaço para o aparecimento de “curiosos” e a prática da medicina popular baseada nos conhecimentos práticos sobre ervas medicinais (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 93).

Sem dúvida que Pohl foi o autor que mais preocupou-se em discutir a questão da saúde coletiva da população sertaneja do Brasil. As descrições feitas por Saint-Hilaire são poucas e estão relacionadas com moléstias que atingiram membros da expedição ou conhecimentos de interesse para a botânica. No trecho destacado abaixo, escrito em 1819, durante a viagem de Saint-Hilaire pela capitania de Goiás, o autor relata as principais doenças que afligiam a população da região:

As doenças mais comuns na parte meridional da província são a sífilis, a hidropisia e uma forma de elefantíase que os brasileiros chamam de morféia. Contudo, a despeito de prolongadas secas que já mencionei e das intermináveis chuvas que se sucedem, a região não pode ser considerada insalubre, e o seria menos se fossem cuidadosamente drenados os brejos (SAINT-HILAIRE, 1975, p.166).

Gardner muito se preocupou em relatar os problemas relacionados à saúde coletiva da população sertaneja do Brasil. Na sua obra, em vários momentos, ele se refere a essa questão, mais do que o próprio Saint-Hilaire que é o naturalista mais conhecido que passou por Goiás. A passagem de Gardner pela província de Goiás foi bastante rápida em relação aos outros naturalistas analisados durante este capítulo, mas os trechos relacionados à ideia sanitária são bastante ricos. O bócio foi uma doença que muito o impressionou. Durante a sua estada em uma fazenda no extremo norte da província, ele relatou a seguinte situação:

Admirei-me de observar que todos eles, menos um homem e uma mulher, sofriam de papeira: o papo no pescoço de uma mulher era muito maior que a sua cabeça. Afiram-me que era uma doença muito comum nesta parte da província de Goiás, especialmente nas vilas de Natividade e Arraias. Na aldeia de Duro eu só vi uma mulher assim afetada e mais outra no arraial de Almas (GARDNER, 1975, p. 154).

O bócio era uma doença bastante comum em Goiás, no início do século XIX. Todos os naturalistas que passaram por essa região durante esse período faziam

referências a esse mal em seus diários. Pohl, devido a sua condição de médico, não se preocupava apenas em descrever as doenças, sua observação era bem mais profunda, tentando diagnosticar as causas e apresentar soluções. Como se falou anteriormente neste capítulo, Pohl acreditava que a grande quantidade de pessoas que sofriam de bócio em Goiás, se encontrava nessa situação devido à qualidade da água e que, se o doente entrasse em contato com o sal marinho, poderia se curar (POHL, 1976, p. 124). Gardner, ao passar por Natividade, irá perceber que a incidência do bócio sobre a população da região norte de Goiás era alarmante, o que levará esse naturalista a dedicar uma parte considerável do seu diário para descrever esse grave problema de saúde coletiva, como se vê no fragmento abaixo:

As principais moléstias desse distrito são febres intermitentes e malignas, especialmente no começo para o fim da estação chuvosa. A oftalmia com as suas consequências, bem como a sífilis e seus efeitos, são também muito comuns e produzem anualmente muitos casos desgraçados. Quase todos os habitantes são afetados de papeira e frequentemente nascem crianças com elas; até estrangeiros que vêm residir na vila e seus arredores acabam certamente afetados pela doença no decorrer de alguns anos. Alguns atribuem o uso do sal marinho trazido do Pará, pelo fato de ter estado o povo anteriormente acostumados ao sal que se obtêm do solo das vizinhanças, impregnado dele; outros o dizem causado pelas águas das serras, que são um pouco salinas, principalmente na época da seca. Qualquer que seja a causa, todos parecem concordar, aqui como em almas, que só nos últimos vinte anos é que a doença generalizou tanto. Achei-a igualmente comum em conceição e arraiais, duas vilas mais para o sul, também de águas salinas, especialmente as que correm nas montanhas calcárias. Todos os lugares que a encontrei frequente ficam ao longo da base leste da serra geral, ampla cadeia de montanhas que divide a Província de Goiás das de Pernambuco e Minas. O remédio empregado aqui contra a doença é a esponja queimada. Há, porém, outro recurso em que depositam grande fé: é um pedacinho de corda que leva à igreja e corta-se exatamente do comprimento do crucifixo para usá-lo em volta do pescoço. Perguntei a vários que usaram essa espécie de feitiço se acreditavam que produzia algum efeito na intumescência: mas, como era de se esperar, todos confessavam que nada curava, nem sequer impedia que aumentasse de tamanho. (GARDNER, 1975, p. 159)

Como se vê, Gardner mostrou-se extremamente impressionado com tamanha incidência desse mal sobre a população e, durante a sua passagem por Natividade, procurou investigar as suas causas e até mesmo alguma forma de cura. Mas como podemos perceber na citação anterior, ele não teve sucesso em sua tentativa. Esse naturalista é o que mais se aproxima de Pohl em relação à preocupação em relatar as questões sobre as condições de saúde da população sertaneja do Brasil. Em quase todos os arraiais onde passou Gardner também se preocupou em descrever as principais doenças que atingiam a população. Mas ele, diferentemente de Pohl, não

realizava consultas e nem carregava remédios para serem distribuídos. Portanto, o conhecimento expressado por Gardner a respeito das condições de saúde coletiva da população do interior do Brasil conseqüentemente foi menor que o expressado por Pohl.

Concluimos que Pohl, entre os naturalistas que percorreram Goiás no início do século XIX, foi aquele que melhor conheceu a realidade da saúde coletiva da população e foi também o que mais preocupou-se em registrar essa questão no seu diário. Isso justifica-se, ao se considerar a sua formação em medicina, o que, sem dúvidas, direcionou as suas observações, afinal era ele que adentrava as casas e fazia as consultas; era ele que percebia os clamores populares, o que levou esse viajante a desenvolver uma consciência extremamente humanista em relação à situação da saúde, criticando o descaso das autoridades, além da falta de remédios e de hospitais. Apenas Pohl teve a coragem de descrever, de maneira profunda, a situação em que se encontrava a saúde da população do interior do Brasil. Escreveu em seu diário, que seria lido pelas autoridades brasileiras, a realidade de abandono em que o povo se encontrava. Isso justifica a ênfase dada a esse autor durante todo este capítulo do trabalho.

3 DESCRIÇÕES CULTURAIS DE GOIÁS NOS DIÁRIOS DE VIAGEM DO INÍCIO DO SÉCULO XIX

Os naturalistas que conheceram as terras goianas na primeira metade do século XIX se impressionaram com vários aspectos do local, os núcleos urbanos, as práticas comerciais, as relações de trabalho, as condições de saúde da população. Portanto, esses assuntos muito destacaram-se na obra desses cientistas. Como foi analisado nos capítulos anteriores deste trabalho, o objetivo maior dessas expedições científicas, lideradas por naturalistas, era fazer um levantamento conciso sobre as riquezas naturais do Brasil, que acabara de ser aberto economicamente (LEITÃO, 1941). Mas não foram apenas as descrições sobre as características naturais do local que ganharam espaço nas obras desses viajantes, pois, ao escrever sobre o interior do Brasil, que até então era um local fechado aos olhares estrangeiros, era importante registrar todos os aspectos possíveis, para que o leitor europeu pudesse entender de forma abrangente a realidade da região (BARREIRO, 2002).

Os costumes e as práticas culturais da população urbana das regiões do interior do Brasil chamaram bastante atenção dos naturalistas, que passaram por essas regiões, levando-os a dedicar partes relevantes dos seus diários para entender essas questões. Com olhar de curiosidade e estranheza, esses cientistas estabeleciam comparações com a realidade europeia, deixando escapar muitos comentários preconceituosos e eurocêntricos. Devemos considerar que os naturalistas em questão não eram imigrantes e sim viajantes (MOREIRA LEITE, 1997), portanto, ao chegarem a uma determinada localidade eles estavam abertos a novas experiências, buscando, através da curiosidade pelo conhecimento do outro, participar das manifestações culturais e prontos para aprenderem o máximo possível sobre os costumes locais.

Não é apenas a viagem de vinda sem retorno que diferencia o viajante do imigrante. Enquanto o primeiro conserva os padrões culturais da sua comunidade original, o segundo já lhe acrescenta uma predisposição a incorporar os esquemas mentais do povo visitado, no pior dos casos como um meio de aprimoramento de sua percepção-do-outro, para ser aceito e manter as relações amistosas ainda que cheias de mal-entendidos (MOREIRA LEITE, 1997, p.164).

Dentre os naturalistas que estiveram em Goiás na primeira metade do século XIX, Pohl foi, mais uma vez, o que mais se preocupou em descrever as manifestações

culturais da população que habitava os núcleos urbanos. Devido à sua condição de médico, como já foi enfocado, ele foi o que mais aproximou-se dessa população, propiciando um conhecimento maior das práticas culturais do local. Dessa forma, começaremos a análise a partir do diário desse viajante.

Pohl atravessou a fronteira da Capitania de Minas Gerais em direção à Capitania de Goiás no dia 10 de dezembro de 1819 depois de enfrentar muitas dificuldades. Era a época chuvosa e o viajante não imaginava a quantidade de intempéries por que teria de passar para chegar até o território goiano. Depois de atravessar a Serra dos Cristais, onde ele realizou um rico estudo no campo da mineralogia, o viajante encontrou o arraial de Santa Luzia. Ali Pohl foi muito bem recebido e hospedado pelo padre local que já o estava esperando e, como se aproximava do Natal, o viajante decidiu parar por alguns dias. A sua relação com o padre foi de extrema afeição e por isso ele foi convidado a visitar diversas casas e participar de muitas manifestações festivas, o que rendeu ricas considerações em seu diário. O viajante parecia predisposto a conhecer os costumes natalinos da população, tentando, certamente, estabelecer uma relação amistosa com aqueles que tão bem lhe hospedaram. Pohl, assim descreveu a passagem do natal:

A festa de Natal excitou muito a minha curiosidade. Na véspera (24 de dezembro) almoçou-se como de costume; aliás, como aqui não foi possível obter peixe algum, comeu-se carne. À noite, reuniu-se uma sociedade dos homens e mulheres mais distintos da cidade na casa do vigário. A meia-noite seguiram todos para a igreja onde o vigário me conferiu a distinção de ser o primeiro a tocar na água benta. Ao som de uma marcha executada por dois violinos e um clarinete, penetramos na igreja, ocupando os nossos lugares em frente ao altar-mor. Celebrou-se a missa cantada com bom acompanhamento instrumental e vocal. Depois o vigário trocou a casula pela capa de asperges para dar-nos a beijar uma imagem do menino Jesus, sendo eu o primeiro leigo a fazê-lo. Com isso encerrou-se a cerimônia e, ao som de outra marcha, fomos para casa. Na manhã seguinte trocamos votos de boas festas. Ao meio-dia houve farta refeição na casa do vigário. (POHL, 1976, p. 113)

Como podemos observar o viajante recebeu um tratamento especial por parte da população do arraial de Santa Luzia e, ao acompanhar as comemorações natalinas, ele manifesta todo seu entusiasmo pela oportunidade de aumentar o seu conhecimento sobre os costumes da população sertaneja do Brasil. Para um naturalista que vinha ao interior do Brasil não era de se esperar que a maior parte dos registros sobre uma determinada região estivessem tratando da cultura local, mas foi o que aconteceu em relação a Santa Luzia. Na verdade, Pohl ficou bastante

impressionado com a comemoração natalina que fê-lo lembrar seus natais em terras europeias. Como uma região que, para o viajante era tão pobre, poderia ter um natal com tanta fartura? Talvez a região não fosse tão pobre assim como pensava.

Outro fator a ser pensado é a importância da visita de Pohl àquele local, pois a chegada de uma expedição científica liderada por um naturalista estrangeiro não era muito comum ainda mais em uma época de bastante chuva como o mês de dezembro. Portanto, era de se esperar que a elite de Santa Luzia organizasse uma festa de Natal para impressionar o visitante ilustre.

É evidente a importância dada por Pohl às manifestações culturais dos núcleos urbanos por onde passava, principalmente as festas religiosas. O viajante fazia questão de participar de todos os eventos organizadas pela Igreja Católica, sempre que tinha oportunidade. Isso ocorria, primeiramente, devido à sua curiosidade em entender melhor a vida do sertanejo no Brasil, mas havia a necessidade de mostrar à população local que ele não era luterano. Pohl narra que, em vários momentos de sua viagem, foi mal recebido em certas localidades onde chegava, pois a população acreditava que o viajante, por falar alemão, era luterano e que, em vários momentos, fora obrigado a andar com o terço à mostra para provar que era católico. O próprio vigário de Santa Luzia, com quem Pohl acabou cultivando uma forte amizade, só lhe ofereceu hospedagem depois de se certificar que o viajante era católico e, logo depois, organizou uma missa com o objetivo de mostrar à população que o viajante, apesar de falar alemão, não era luterano (POHL, 1976, p.113/114).

Durante a sua estada em Vila Boa, Pohl participou das comemorações da Semana Santa. O viajante ficou bastante impressionado com os festejos, descrevendo de maneira minuciosa essa festa popular:

Aprecia-se aqui festas públicas, especialmente as religiosas. A Semana Santa, por exemplo, figura entre as mais notáveis. Para assistir essas solenidades religiosas vem gente de regiões longínquas, de até 30 léguas de distância. Na Quinta-feira Santa o Governador e todos os funcionários reais preparam-se para comunhão e assistem as cerimônias habituais. A tarde ele procede ao lava-pés de doze meninos. O altar-mor, onde está exposto o Santíssimo, cercado de muitas luzes forma um grande palco, ornado com um quadro da Santa Ceia. De ambos os lados se elevam dois aparadores em forma de pirâmide, sobre os quais se acham expostas baixelas de prata, o que dá um aspecto faustoso, porém muito excêntrico, pois não se pode compreender facilmente o porquê de ostentar na casa de Deus utensílios mundanos como terrinas, açucareiros e outros. Seis soldados montam guarda a essas preciosidades (POHL, 1976, p. 143).

Na passagem destacada fica nítida a vontade de Pohl em descrever de maneira detalhada a festa religiosa, mas sem deixar de lado o olhar etnocêntrico. O viajante não entende o porquê da ostentação de riqueza através da utilização de objetos de prata que nada tinham a ver com a solenidade. É importante lembrar que o viajante não tinha por finalidade descrever uma festa religiosa, pois, como mineralogista, seu objetivo perante a missão austríaca era fazer um levantamento das riquezas minerais do interior do Brasil. Ele segue descrevendo a solenidade religiosa:

Em regra, na Sexta-feira da Paixão todos usam traje de luto na igreja. Esse dia é muito respeitado e considerado como dia de jejum geral. Do Rio de Janeiro manda-se vir Bacalhau que constitui a única iguaria desse dia. De dois púlpitos (Como temos aqui em cada igreja) e de um altar lateral é a Paixão cantada por três padres. Depois do que são iniciadas as cerimônias de costume. Curioso é que nesse dia, por falta de parâmetros de luto, os padres aparecem com a solene casula vermelha, sendo essa falta tanto menos desculpável quando em todas as igrejas há o excesso de alfaías de prata. A tarde é pronunciado outro sermão, havendo uma grade procissão a luz de tochas, na qual é conduzida por padres, num esquife, a imagem de madeira do senhor morto, em tamanho natural. Diante o esquife ia uma menina representando Santa Verônica, q qual, de tempos em tempos, subia a uma cadeira e, entre cantos tristes, desfaldava um sudário, exibindo-o ao povo, que, nesse momento, caía de joelhos, representando todos os sinais de contrição. Também seguiam o esquife as imagens vestidas de luto de Santa Maria e São José. Às onze horas da noite termina a solenidade com um sermão. No sábado de aleluia não havia cerimônia alguma, a não ser a habitual visita à igreja. No domingo de Páscoa havia uma procissão ao nascer do sol, seguida de missa e sermão, que o Governador assistia em traje de gala, com brilhantes condecorações. Os demais condecorados apresentavam-se com grande pompa. As mulheres só apareciam na igreja com vestido de seda cor-de-rosa e véus brancos. Todas as pessoas de distinção, eclesiásticas e leigas, dirigiam-se a seguir para sala de audiência do palácio para desejarem feliz páscoa ao governador, com o que terminava a festa (POHL, 1976, p. 143).

No trecho acima, é nítido o interesse do autor em contar, de maneira detalhada, as festividades religiosas as quais ele presenciou. Nenhum outro naturalista que passou por Goiás no início do século XIX realizou uma descrição tão detalhada sobre uma festa popular. Isso só seria possível se houvesse a proximidade do viajante com a população, o que ocorre no caso de Pohl devido a sua condição de médico e católico fervoroso. Devemos assinalar que essa não foi a única festa religiosa registrada pelo autor em seu diário, ele dedica várias páginas de seu livro, descrevendo todas as manifestações relacionadas ao catolicismo, com riqueza de detalhes. Pohl, devido a sua nacionalidade austríaca, recebe uma forte influência do catolicismo em sua formação, com isso os seus registros parecem estar compromissados com os valores católicos. Além disso, os leitores que o autor esperava atingir eram austríacos e

católicos como ele, e, para construção de um conhecimento mais completo sobre o interior do Brasil, seria interessante que esses leitores pudessem entender melhor a organização religiosa da região.

Por outro lado, a atenção de Pohl não se resume apenas às festas religiosas, ele também preocupou-se em descrever as manifestações profanas que pôde presenciar. Ainda em Vila Boa, durante a Semana Santa o autor acompanhou a encenação de uma peça popular à qual teceu duras críticas:

Fora da cidade, ao ar livre, representa-se uma comédia de Carlos Magno, na qual os papéis femininos são desempenhados por homens. O traje é realmente luxuoso, em geral veludo, guarnecido de ouro puro. As joias, de boa vontade cedidas por empréstimo, rebrilham a luz do dia. Com notável fluência, porém má acentuação, são proferidos longos discursos, as vezes de várias páginas. Toda ação da peça é enfadonha e mesmo com bem executados combates, frequentemente repelidos, não se consegue tolerar até o fim (POHL, 1976, p. 143).

Existe um compromisso do viajante em relatar os costumes da população, em entender o comportamento do outro que se coloca de maneira tão estranha aos olhares do estrangeiro. Nos dias em que esteve em Vila Boa, Pohl visitou arquivos, pessoas ilustres, participou de festas e acompanhou com atenção o cotidiano da cidade. Isso rendeu um material extremamente rico para o seu diário. Pohl considerou “enfadonha” a peça que acompanhou, observou com um olhar de quem já tinha acompanhado peças bem melhores. Contudo, podemos perceber que, tanto em relação à festa religiosa, quanto às manifestações pagãs, o autor mantém o caráter eurocêntrico de seus comentários. Isso ocorre em todas as passagens em que Pohl descreve as manifestações culturais e os costumes em geral da população de Goiás. O viajante aproxima-se, descreve o que presencia, mas mantém o olhar de superioridade sobre o que vê.

Vale lembrar que Pohl não relatou no seu diário apenas as manifestações culturais e os costumes da população que vivia nos arraiais; ele também dedicou várias páginas para descrever a cultura indígena, mas o objetivo deste trabalho, de maneira geral, é analisar apenas o ambiente urbano², portanto, a ênfase recai sobre a população que habitava os pequenos núcleos urbanos de Goiás.

² O termo ambiente urbano se refere aos arraiais e pequenos núcleos urbanos onde passaram os naturalistas do início do século XIX.

Embora Pohl tenha sido o viajante que dedicou mais espaço em seu diário à questão cultural, outros naturalistas que estiveram em Goiás na primeira metade do século XIX também descreveram manifestações culturais das regiões por onde passaram. Saint-Hilaire deixou relatos falando dos costumes da população goiana, mas são poucas as passagens que buscam descrever as manifestações religiosas ou pagãs. A preocupação maior desse viajante é mostrar para o seu leitor o comportamento da população, sempre com o olhar etnocêntrico e preconceituoso. Nesse caso os relatos sempre deixam de ser descritivos e passam a expressar exclusivamente a opinião do viajante.

Ao descrever os costumes da população de Goiás, Saint-Hilaire mostra a sua opinião sobre a região:

A Província de Minas Gerais sofreu praticamente as mesmas influências que a de Goiás, e sua colonização começou da mesma maneira. Entretanto, ainda que os primitivos mineiros fossem tão grosseiros quanto os antigos goianos, as riquezas que eles adquiriram e souberam conservar por longo tempo propiciaram-lhes meios de dar educação aos seus filhos. Aos poucos as boas maneiras se transmitiram aos menos abastados e acabaram por se generalizar. A Província de Goiás não passou por essa fase. Uma total decadência sucedeu bruscamente a época de riqueza e esplendor. O clima excessivamente quente tirou aos seus habitantes um pouco de sua rudeza, não se podendo mesmo dizer que são grosseiros. Todavia, a exceção de alguns fazendeiros abastados, eles não adquiriram nenhuma polidez. (SAINT-HILAIRE, 1975, p.187).

O trecho anterior é retirado de um tópico da obra de Saint-Hilaire que se dedica a descrever os costumes da população de Goiás. O viajante não se preocupa em mostrar para o seu leitor as manifestações religiosas ou mesmo pagãs. O enfoque maior está relacionado aos hábitos da população de maneira geral e a forma em que ele fora recebido por ela. A impressão tida por ele do local não foi positiva. Saint-Hilaire só conseguiu enxergar decadência e, na comparação com Minas Gerais, o autor coloca Goiás em uma posição de inferioridade. Seu olhar é preconceituoso e o caráter etnocêntrico de seus comentários se mantém extremamente forte. Para ele, faltava educação e cordialidade ao povo goiano, que não sabia hospedar e tratar bem uma pessoa de terras tão distantes.

É certo que Goiás, devido à sua posição de isolamento econômico no início do século XIX, era pouco visitada por viajantes estrangeiros, principalmente cientistas. A maioria dos poucos estrangeiros que passavam por terras goianas eram comerciantes que ficavam pouco tempo na mesma cidade e que não se importavam muito com o

conforto. Portanto, a população de Goiás estava muito menos acostumada do que a de Minas Gerais a lidar com um naturalista como Saint-Hilaire.

Mas o que mais atraiu atenção desse viajante foi aquilo que ele chamou de “práticas imorais” (SAINT-HILAIRE, 1976). Eram os concubinatos e a prática da prostituição. Devido às altas taxas cobradas pela Igreja Católica para a realização de um casamento, era muito comum, em Goiás, no início do século XIX, a união conjugal sem a prática do casamento na Igreja (ASSIS, 2002), fato que deixava Saint-Hilaire indignado e acabou gerando duras críticas à região por parte do naturalista.

Criadas nessa total ausência de sentimentos religiosos, praticamente abandonadas aos seus instintos e tendo diante de seus olhos apenas maus exemplos, as crianças se entregam desde a mais terna idade aos prazeres mais condenáveis. Nunca são vistas brincando juntas, e não tem nem alegria, nem inocência. A juventude é ainda mais triste, e só conhecem os prazeres impuros. Quanto aos adultos, a maioria partilha dessa apatia, desse tédio, do amor à cachaça. Veremos a seguir como são raras na capital da província as uniões legítimas. No campo encontra-se um maior número de casais unidos legalmente, mas ainda assim o concubinato é aí bastante comum. Não se deve, porém, atribuir esse fato unicamente a uma tendência à libertinagem ou a influência dos maus exemplos. Muitas pessoas se veem na impossibilidade total de se casar. Na realidade, não é possível contrair o matrimônio sem a aprovação do vigário da Vara, que só dá a permissão a preço de 10, 15 ou até mesmo 18 oitavas. A maioria dos colonos, cuja penúria é extrema, não dispõe de uma quantia tão alta, o que os força a levar a vida à margem da religião. E dessa forma os membros do clero, que se fossem verdadeiramente cristãos encorajariam as uniões legítimas, opõem por sua cupidez obstáculos a que elas não se realizem. (...) Que tenham privilégio as uniões legítimas, que se admitam unicamente homens casados nos empregos públicos, que se suprima a taxa, não só imoral como exorbitante, cobrada pelo Vigário da Vara de casamentos. Assim, o concubinato se tornaria menos comum, a população aumentaria, e deixaria deter diante dos teus olhos o triste espetáculo de uma multidão de crianças que desde o instante em que nascem só veem maus exemplos ao seu redor (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 188/189).

Saint-Hilaire considera os casamentos fora da Igreja católica como prática de libertinagem e aponta o próprio clero de Goiás como o maior culpado por esse tipo de comportamento social. No seu ponto de vista de católico fervoroso, viver junto sem casar era um desregramento pecaminoso aos olhos de Deus. Mas para a população de Goiás do início do século XIX, o concubinato parecia ser algo extremamente normal, afinal, devido até mesmo à realidade do período, o controle social da Igreja Católica sobre a população era bem menor e, dessa forma, constituir uma família sem a permissão da Igreja era algo tão comum que a maioria nem enxergava como pecado. Essa é a prova de como o olhar de um estrangeiro pode estar distanciado da realidade.

Outra forma de comportamento repudiada pelo autor era a prostituição, considerada um costume da população e interpretada por Saint-Hilaire como fruto de comportamentos imorais e da indolência. Em vários momentos de sua obra, ele descreve a prostituição no interior do Brasil e afirma que tanto a Igreja Católica, quanto as autoridades nada faziam para coibi-la. Para o naturalista, a única forma de solucionar aquilo que ele considera como práticas imorais da sociedade era promover maior participação da Igreja católica na educação das crianças, buscando, através da evangelização, uma modificação social.

Seria necessário, igualmente, dividir as paróquias, por um fim a simonia, exigir dos sacerdotes que fizessem a pregação todos os domingos e catequizessem as crianças. Todavia – é triste dizê-lo - há bem pouca esperança de que o clero goiano faça alguma coisa pela regeneração do povo, ao qual ele deveria ter o máximo de empenho em tirar do seu estado de embrutecimento. Fui testemunha da saudável influência que exerceu sobre os habitantes de Goiás um padre estrangeiro, o qual, enquanto lhes dava úteis conselhos sobre a maneira de cultivarem suas terras, elevou os seus espíritos por algum tempo por meio de sábias exortações e do exemplo de suas virtudes. Que se repudiem os absurdos preconceitos nacionalistas e filosóficos, hoje desprezados na Europa, mas que constitui novidade para os brasileiros que ainda são por eles considerados, atualmente, com indício de força espiritual; que se envie a Goiás alguns sacerdotes estrangeiros a fim de que o povo seja recuperado e retorne à sua digna condição de seres humanos; que se renovem de tempos em tempos esse missionários, para que eles não se deixem entorpecer pelo calor do clima nem se influenciar pelos maus exemplos; que se estabeleça um seminário para que os jovens sacerdotes possam adquirir conhecimentos científicos e uma boa formação moral; enfim, que sejam confiadas as crianças a esses dedicados missionários, os quais, depois de um grande gênio os recrutou de volta ao solo da França, tantos serviços prestaram às crianças pobres. Só assim o povo goiano terá oportunidade de reerguer-se, de adquirir virtudes e de ocupar o seu lugar na sociedade civilizada (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 189).

Mais uma vez, o pensamento etnocêntrico se faz presente nos comentários de Saint-Hilaire. Para ele, somente a Igreja Católica poderia resgatar a população de Goiás dos costumes imorais (considerados pelo viajante), mas o clero goiano já estaria contaminado por esse tipo de prática, então o autor defende que a única solução para essa questão seria trazer padres da Europa para a evangelização da população. Na sua opinião, a sociedade de Goiás ainda estava longe de ser considerada civilizada e somente a presença de mais europeus nessa sociedade poderia levá-la à civilização.

Enfim, Saint-Hilaire deixa clara a sua visão etnocêntrica em relação aos costumes da população e demonstra não conhecer profundamente a região, talvez por antipatia ou por falta de oportunidade. Mas, se compararmos os seus relatos com

os de Pohl, perceberemos que, enquanto Saint-Hilaire preocupou-se em relatar o comportamento, tecendo comentários de caráter etnocêntricos, Pohl buscou construir uma narrativa mais descritiva sobre o local, mais voltada para as manifestações religiosas ou pagãs. Além disso a quantidade de passagens que se referem à cultura local é bem maior na obra de Pohl que na de Saint-Hilaire, mostrando que o primeiro esteve muito mais envolvido com o local, devido a sua condição de médico e à proximidade que ele conseguia estabelecer com a população.

Os relatos de Gardner, em relação aos costumes da população urbana de Goiás resumem-se a descrições sobre o comportamento da população, tipos de vestimentas ou comportamento dos membros da Igreja Católica. Sua passagem pela região foi bastante rápida e as suas oportunidades de presenciar qualquer tipo de manifestação cultural foram bastante raras. Mas, mesmo assim, quando esse viajante passava por alguma localidade urbana que ele considerasse de maior relevância, era comum a construção de uma breve descrição dos costumes gerais da população, estabelecendo comparações com a realidade europeia a fim de que o leitor pudesse compreender melhor como viviam as pessoas no Brasil. Ao passar por Natividade, Gardner assim descreveu o comportamento da população:

Embora o vestuário dos homens seja aqui igual ao das outras partes do norte do Brasil, o das mulheres difere muito: porque, quando se vestem para ir à Igreja, acompanhar procissões ou visitar pessoas amigas, em vez do grande chalé de algodão branco que as cearenses põem na cabeça, ou do pequeno lenço branco, usado no Piauí para o mesmo fim, fiquei um tanto surpreendido de ver que aqui usam todas capas feitas de lã escocesa ou pano azul, muito semelhante às que vestem no inverno as moças de Glasgow. (GARDNER, 1975, p. 158)

Esta é uma das raras passagens em que Gardner se dedica a escrever sobre os costumes da população. Nesse caso o autor optou pelo comportamento cotidiano da população do interior do Brasil, através da comparação com a realidade da Europa. Ele tenta mostrar para seus leitores, através da descrição das vestimentas da população, que existiam várias semelhanças entre Brasil e a Europa. Mas, com o olhar de estranheza, o naturalista destaca a semelhança na forma de se vestir entre brasileiros e europeus com a enorme diferença climática entre as duas regiões. E o autor continua destacando o comportamento das mulheres da região de Natividade:

Aqui o habito de fumar é universal entre as mulheres; de manhã à noite, raro lhe sai da boca o cachimbo, com longo canudo de pau, de cerca de três pés de comprimento. Trabalham pouco, mas comem e dormem muito; as

mulheres de classes mais baixas também são muito dadas a beber cachaça. O único preso na cadeia, quando estive na vila, era uma mulher, condenada anos antes a vinte anos de prisão, por ter induzido o próprio filho a matar o pai. (GARDNER, 1975, p. 158)

Nessa passagem, Gardner tenta mostrar que o comportamento das mulheres mais pobres da região de Goiás não se diferencia muito do comportamento dos homens. Ele achava estranho ver tantas mulheres fumando e consumindo a cachaça sem se preocuparem com as suas reputações. O leitor que recebe estas descrições, europeu médio, poderia pensar como as pessoas dessa região do interior do Brasil estariam longe da civilização (a partir do ponto de vista europeu), como o Brasil teria de evoluir para chegar ao nível de desenvolvimento europeu. Seria essa a intenção do viajante?

Consciente ou não, os relatos dos naturalistas passam aos seus leitores uma nítida ideia de superioridade cultural da Europa sobre o Brasil. O que os diferencia é a quantidade de passagens encontradas em cada diário dedicadas a esse assunto e a forma como ele é exposto. Pohl foi o naturalista que esteve em Goiás na primeira metade do século XIX que mais preocupou-se em relatar os aspectos culturais da região, além de fazê-lo de forma mais descritiva. Não podemos descartar a existência de comentários de caráter etnocêntricos nos relatos de Pohl, mas eles aparecem em menor quantidade em seu diário que nos de Gardner e Saint-Hilaire. Além disso, Pohl, esteve mais preocupado em descrever o local e não em criticar ou denegrir como fizeram os outros naturalistas que estiveram na região.

Sabemos que essa inferioridade cultural não existe na realidade, o que ocorre é que, a Europa e o interior do Brasil são regiões bastante distintas, e Pohl, possivelmente em vários momentos, conseguiu compreender isso, devido ao longo período de permanência na região e à proximidade que o viajante conseguiu ter com a população. Em comparação com Gardner e Sain-Hilaire, Pohl foi o que mais permaneceu em Goiás³ e, devido a sua profissão de médico e às constantes consultas que realizava para a população, ele chegou mais perto dos goianos de todas as classes. Portanto, a sua observação sobre o local foi mais privilegiada e mais abrangente, sua compreensão também. Isso se refletiu em seu diário. Olhar da superioridade comum aos naturalistas europeus do século XIX⁴ estará presente, só

³ Pohl esteve em Goiás por cerca de dois anos entre 1819 e 1820, passando por quase todos os arraiais mais importantes da região.

⁴ Moreira Leite, 1997.

que de uma maneira mais compreensiva, em que a preocupação maior será o relato, a descrição, e não o comentário.

3.1 O Olhar dos Naturalistas – A Influência da Relação com a População Local

Por um lado o olhar do viajante sobre o local que ele propõe analisar é privilegiado, pois, por não ser natural do local, ele consegue observar aquilo que para um nativo é normal e passa despercebido. Dessa forma, é possível construir representações explicativas que uma pessoa acostumada a viver o cotidiano da região dificilmente conseguiria construir. Por outro lado o estrangeiro sempre terá uma visão parcial sobre o local, influenciada por valores adquiridos anteriormente em sua terra natal, levando-o, em grande parte de suas descrições, a estabelecer juízos de valor e comentários etnocêntricos. Portanto, a análise feita sobre os relatos de viagem deve ser sempre cuidadosa. Moreira Leite (1997) elucida bem essa questão:

O habitante vive a sua vida e reflete apenas sobre os seus aspectos mais próximos, sem tomar conhecimento de muitos outros do ambiente em que se encontra. As instituições, as interrelações sociais, os sinais, as indicações e orientações, que compõem o padrão cultural do grupo social a que pertence, são incorporados sem merecer uma reflexão global. O Habitante tem uma vivência comum ao grupo, mas poucos conhecimentos sobre ele como um todo. Por ser alguém que é “de fora” e está ali “de passagem”, sem intenção de ser aceito pelo grupo e com o objetivo de relatar aos seus conterrâneos o que conseguiu perceber, o viajante torna-se um observador alerta e privilegiado do grupo visitado. Em contrapartida, o viajante traz a postura do civilizado diante do povo atrasado, reforçada por uma série de obstáculos linguísticos, culturais e econômicos à compreensão do grupo visitado. Mesmo quando o viajante não pertence à nobreza ou à alta burguesia, identifica-se com a civilização europeia e seus padrões de avaliação do homem de acordo com o êxito ou fracasso. Ao avaliar o grupo visitado e seus valores estranhos, dos quais o viajante tem apenas amostra concretas e fragmentadas, o viajante e o habitante acabam vítimas de inúmeros mal-entendidos (MOREIRA LEITE, 1997, p. 10).

Portanto, a análise dos relatos produzidos pelos naturalistas sempre deverá levar em conta as devidas limitações, ou seja, a compreensão que o estrangeiro terá do local passará, necessariamente, por um crivo que ele mesmo irá estabelecer, onde pesará as suas experiências anteriores, a sua cultura e, conseqüentemente, a sua visão de mundo. Todavia, não só o que foi vivido anteriormente pelos naturalistas irá pesar em seus relatos, devemos levar em consideração que a relação do viajante com a população local também será muito importante na construção das representações.

Portanto, a busca pelas experiências era bastante salutar para o cientista que objetivava escrever sobre o interior do Brasil, tentar conviver o máximo possível com a população era uma importante maneira de se entender melhor a vida no Brasil.

O naturalista que passou por Goiás na primeira metade do século XIX e que mais descreveu suas experiências com a população local foi Pohl. Nas maiores localidades urbanas onde ficava hospedado, ele procurava relatar de maneira detalhada todas as características do local, passando primeiramente pela história da região, depois era feito um levantamento sobre a geografia, a economia e a população, para, nesse momento, fazer uma descrição sobre suas condições e, por fim, o viajante descrevia as manifestações culturais e os costumes cotidianos do povo local. Saint-Hilaire também procurava fazer uma descrição sobre as localidades urbanas onde ele se hospedava de maneira mais superficial e carregada de comentários etnocêntricos. Gardner teve uma passagem bastante curta pela região e pouco se envolveu com Goiás, quase todos seus comentários eram de cunho preconceituosos e demonstravam seu pouco conhecimento da região. De todos eles, Pohl foi o naturalista que mais demonstrou em suas descrições entender a região, os problemas, as carências e principalmente as diferenças culturais. Isso, como foi analisado anteriormente, só foi possível devido às constantes consultas feitas por ele à população local, o que garantia a proximidade a favorecia a conquista da confiança do sertanejo.

O envolvimento com a população, a receptividade, o tratamento recebido durante a hospedagem em uma região refletiam diretamente nas considerações feitas pelos viajantes sobre uma determinada localidade urbana. Ao descreverem os costumes da população, essa questão fica bastante nítida. Pohl, ao passar pela cidade de Santa Luzia, pouco depois da fronteira da capitania de Goiás com Minas Gerais, estabeleceu uma relação de grande amizade com algumas pessoas da região e, durante a sua estada no local, foi muito bem recebido. Isso foi bastante ressaltado nos seus relatos. Suas descrições sobre o local foram bastante detalhadas, sendo feitas importantes considerações sobre o que era observado. Já em Meia Ponte o mesmo não ocorreu, sua permanência foi bastante rápida e ele demonstrou pouco interesse em descrever a cidade que tinha uma importância bem maior para o contexto econômico de Goiás. No trecho abaixo Pohl, apresenta a sua despedida de um amigo de Santa Luzia:

Confesso não ter sido sem lágrimas que me despedi do digno sacerdote, cuja bondade tornara tão agradável a minha estada em Santa Luzia. Ele também estava visivelmente comovido e eu tive de prometer não deixar de vista-lo quando regressar. Infelizmente, depois, foi impossível cumprir a minha promessa, mas, enquanto eu viver recordar-me-ei com gratidão e amor daquela ótima pessoa. Ainda conservo o chapelão de folha de palmeira que ele instou para que eu usasse como proteção contra o sol e toda vez que eu pouso o olhar sobre o chapéu me recordo com emoção do bom homem. (POHL, 1976, p. 114)

Saint-Hilaire, ao contrário de Pohl, quando passou por Santa Luzia, não teve uma boa impressão, mas ao passar por Meia Ponte, preocupou-se em descrever a cidade de maneira bastante detalhada, mostrando-se bastante impressionado com a economia do local (Saint-Hilaire, 1975). Gardner foi mais bem recebido em Goiás na cidade de Natividade e foi essa a localidade mais bem descrita pelo viajante (Gardner, 1975), assim como aconteceu com D'Aliancourt em relação à Vila Boa, Capital de Goiás (D'Aliancourt, 1975). Portanto, a receptividade do local gerava o envolvimento dos viajantes e refletia diretamente nas representações construídas por eles.

As observações feitas pelos naturalistas eram sempre estabelecidas mediante a comparação com o mundo europeu, e isso vem em primeiro lugar no momento de se descrever uma região (LEITE, 1996), mas sem deixar de lado a influência existente da relação que era estabelecida com o local. O que não podemos desconsiderar é a importância desses relatos como fontes de pesquisa para várias áreas acadêmicas (MOREIRA LEITE, 1997) e que, qualquer estudo historiográfico sobre a história de Goiás no início do século XIX, não poderia deixar de lado essas fontes. Lidas de maneira crítica sim, mas nunca esquecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma região tão isolada como Goiás na primeira metade do século XIX, cientistas estrangeiros com a autorização e o patrocínio de seus governos, partiram para a aventura de reconhecer a região e descreverem, em suas línguas naturais, todas as riquezas por eles encontradas. Alguns deveriam descrever a fauna e a flora, outros as riquezas minerais ou as características botânicas do interior do Brasil, mas a cidade ganha destaque especial. Descrever as riquezas de uma nação recém-aberta como o Brasil era uma tarefa bastante complicada devido às dificuldades de locomoção e de comunicação, mas a ciência europeia do século XIX, em franca expansão, colocou à disposição cientistas aventureiros, inspirados em Humboldt, buscando destaque no meio literário e acadêmico. Foram pessoas que abriram mão de importantes anos de juventude para estar em um lugar tão estranho e diferente. Mas todos eles deixaram claro que foram os melhores anos de suas vidas.

Relatar a cidade pode parecer estranho como tarefa a ser realizada por um naturalista, mas escrever sobre as riquezas locais consiste em uma questão bastante abrangente, pois também deveriam ser descritas as potencialidades comerciais da região, tais como as características comerciais, as relações de trabalho e, até mesmo questões, como a criminalidade. Os problemas da região não poderiam ser esquecidos e, para os viajantes, o maior deles eram as doenças. Portanto, esse assunto rendeu várias páginas dos diários. E como descrever a cidade sem considerar a importância da população que nelas vivem, seus costumes, o cotidiano e a cultura? Dessa forma, as representações formuladas pelos naturalistas, não poderiam estar baseadas apenas em conhecimentos da botânica ou da mineralogia e definitivamente não estavam.

A proximidade desses estrangeiros com a população local sem dúvida foi um fator que muito influenciou nos relatos. Como se pode constatar na análise dos relatos de Pohl, que, além de botânico e mineralogista era médico e se mostrava sempre disposto a atender a população, o que não era comum entre outros viajantes que passaram por Goiás no início do século XIX e que tinham a mesma formação acadêmica. Portanto, os relatos desse viajante foram selecionados como fonte principal para esse trabalho.

Essa pesquisa exigiu um estudo detalhado das obras dos naturalistas que estiveram em Goiás no início do século XIX, e também a discussão com outros autores

que escrevem sobre o mesmo assunto, levando em consideração a análise crítica e a importância desse tipo de literatura na construção das representações sobre a História de Goiás. Na análise não importava apenas o que estava escrito, mas por que estava escrito.

Conclui-se, finalmente, que os viajantes que estiveram em Goiás na primeira metade do século XIX, muito escreveram sobre as cidades, mas as observações mais abrangentes sobre as questões urbanas foram feitas por Pohl. Foi ele quem mais buscou a aproximação com a população local, conseguindo um posicionamento privilegiado em relação aos outros naturalistas, principalmente no que tange à situação da saúde coletiva da população urbana. Pohl foi o naturalista que mais descreveu essa questão. Ressalta-se ainda que, devido às consultas realizadas por ele, a sua proximidade com a população foi maior, o que levou à construção da análise mais crítica e aprofundada em relação à saúde coletiva da população.

Enfim, com este trabalho foi possível entender a passagem dos viajantes naturalistas pela região. Espera-se que ele auxilie como uma nova leitura a respeito dos relatos desses cientistas aventureiros que tanto contribuíram para a construção da memória do povo goiano.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

POHL, Johann Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 1976.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 1975.

SAINT-HILAIRE. Auguste. **Viagem à Província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 1975.

GARDNER, George. **Viagem ao Interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 1975.

D'ALINCOURT, Luiz. **Memória sobre a viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 1975.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÃ, Helmut. **Alexander Von Humboldt e suas relaões com o Brasil**. Revista Rumboldt, n. 10, 1946.
- ASSIS, Wilson Rocha. **Estudos de Hist3ria de Goi3s**. Goi3nia: Editora Vieira, 2005.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. **Bar3o de Eschwege**. Belo Horizonte: Edi3o casa de Eschwege, 1977.
- BARREIRO, Jos3 Carlos. **Imagin3rio e Viajantes no Brasil do S3culo XIX: Cultura e Cotidiano, Tradi3o e Resist3ncia**. S3o Paulo: Editora UNESPE, 2002.
- BERGER, **Bibliografia do Rio de Janeiro de Viajantes e Autores Estrangeiros: 1500-1900**. Rio de Janeiro: SEEC, 1980.
- BOXER, Charles R. **A Idade de Ouro do Brasil: Dores de Crescimento de uma Sociedade Colonial**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BRAUDEL, Fernand. **Civiliza3o Material, Economia e Capitalismo: S3culos XV-XVIII**. S3o Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BURKE, Peter. **Escola dos Annales (1929-1989): A Revolu3o Francesa da Historiografia**. S3o Paulo: Funda3o Editora da UNESP, 1997.
- CASTORIADES, Cornelius. **A Institui3o imagin3ria da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. **Textos, impress3o, leituras**. In Nova hist3ria cultural. S3o Paulo, 1995.
- COSTA, Em3lia Viotti da. **Introdu3o do Estudo da Emancipa3o Pol3tica do Brasil**. In: MOTTA, Carlos Guilherme (org.). **Brasil em Perspectiva**. 8. Ed. S3o Paulo: Difel, 1977.
- DIAS, Maria Odila silva. **A interioriza3o da metr3pole (1808-1853)**. In: MOTTA, Carlos Guilherme. **1822 – Dimens3es**. S3o Paulo: Perspectiva, 1972.
- DROUIN, J. M. **De Lineu a Darwin: os viajantes naturalistas**. In: SERRES, Michel. (coord.) **Elementos para uma hist3ria das ci3ncias**. II. Do fim da Idade M3dia a Lavoisier. Lisboa: Terramar, 1996.
- ESTEVAM, Lu3s. **O Tempo da transforma3o: Estrutura e Din3mica da Forma3o Econ3mica de Goi3s**. 2º edi3o. Goi3nia: Editora da UCG, 2004.
- HOBBSAWN, Eric. **Da Revolu3o Industrial Inglesa ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Florence Universit3ria, 1979.

HOLANDA, Sergio Buarque de (org.). **História Geral da civilização Brasileira**. 4. ed. São Paulo: Difel, 1976. V.1. t.2. A Herança Colonial e sua Desagregação.

IANI, Octavio. **Imperialismo e Cultura**. São Paulo: Hucitec, 1978.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da viagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MAIOR, A. Souto. **História do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

MELLO-LEITÃO, C. De. **História das Expedições Científicas no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

_____. **Visitantes do Primeiro Império**. São Paulo: Nacional, 1934.

MOREYRA, Sergio Paulo. **O Olho que Vê o Mundo**. Boletim Goiano de Geografia, v.7-8. p. 163-166. Goiânia: UFG, 1987/1988.

NOVAIS, Fernando A. **O Brasil nos Quadros do Antigo sistema Colonial**. In: MOTTA, Carlos Guilherme (org.). Brasil em perspectiva. 8. Ed. São Paulo: Difel, 1977.

PALACIN, Luis. **História de Goiás em Documentos**: I. Colônia. Luis Palacin, Leônidas Franco Garcia, Janaina Amado. Goiânia, Editora da UFG, 1995.

_____. **História de Goiás**. Luis Palacin e Maria Augusta Sant'Anna de Moraes. 6. ed. Goiânia: Editora da UCG, 1994.

_____. **Quatro Tempos de Ideologia em Goiás**. Goiânia: Editora CERNE, 1986.

_____. **Sociedade Colonial (1549-1599)**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1981

PINTO, Olivério Mário Oliveira. **Viajantes Naturalistas**. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). História Geral da civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Difel, 1976. V.3 t.2.

SANTOS FILHO, Lycurgo. **História Geral da Medicina Brasileira**. São Paulo: Hucitec/USP, 1977.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz na Terra, 2000.